



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

ROMULO SOUSA ESTEVAM

**MARCADORES DE QUADRILHAS JUNINAS EM BELÉM DO
PARÁ: UMA RASGAÇÃO DE AFETOS, TRAJETOS E
ESPETACULARIDADES**

**BELÉM-PA
2019**

ROMULO SOUSA ESTEVAM

**MARCADORES DE QUADRILHAS JUNINAS EM BELÉM DO
PARÁ: UMA RASGAÇÃO DE AFETOS, TRAJETOS E
ESPETACULARIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Linha de Pesquisa: Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Santa Brigida.

**BELÉM-PA
2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficcat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

E79m Estevam, Romulo Sousa
Marcadores de Quadrilhas Juninas em Belém do Pará: Uma
Rasgação de Afetos, Trajetos e Espetacularidades / Romulo Sousa
Estevam. — 2019.
78 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Miguel Santa Brigida
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes,
Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém,
2019.

1. Quadrilha junina. 2. Marcadores. 3. Etnocologia. 4.
Espetacularidade. I. Título.

CDD 790.2



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ.

Aos dezenove (19) dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove (2019), às dez (10) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Programa de Pós-Graduação em Artes, sob a presidência do orientador professor doutor Miguel de Santa Brígida Junior ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V "da Aprovação ou Reprovação da Dissertação", presenciar a defesa oral de Dissertação de **Romulo Sousa Estevam**, intitulada: **MARCADORES DE QUADRILHAS JUNINAS EM BELÉM DO PARÁ: Uma Rasgação de afetos, trajetos e espetacularidade.**, perante a Banca Examinadora, constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, pelos professores doutores Miguel de Santa Brígida Junior (UFPA- Presidente); Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida (UFPA- Examinador interno); Eleonora Ferreira Leal (UFPA – Examinador Externo ao Programa). Dando início aos trabalhos, o professor doutor Miguel de Santa Brígida, passou à palavra ao mestrando, que apresentou a Dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo mestrando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reinciciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação com o conceito BH (Am), aceitar as sugestões do aperfeiçoamento da banca. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo mestrando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, o professor Miguel de Santa Brígida Junior agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pelo mestrando. Belém-Pa, 19 de Dezembro de 2019.

Prof. Dr. MIGUEL DE SANTA BRÍGIDA JUNIOR

Miguel de Santa Brígida Junior

Prof. Dr. IVONE MARIA XAVIER DE ALMEIDA

Ivone Maria Xavier de Almeida

Prof. Dr. ELEONORA FERREIRA LEAL

Eleonora Ferreira Leal

ROMULO SOUSA ESTEVAM

Romulo Sousa Estevam

*Dedico este trabalho à memória de minha mãe
Dinair Lima de Sousa, eu sei que vou te amar,
por toda a minha eu vou te amar...*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à minha Centelha Divina e a presença Eu Sou que habita em mim, a Seu Exu Capa Preta e à minha Pombo-Gira Cigana Paloma, à dona Mariana, aos meus orixás de cabeça, Ora Iê Iê minha mãe Oxum, Kao Kabecilê meu Pai Xangô, Eparrey minha Mãe Iansã, e a Ogum que estiveram presentes em todos os meus momentos de dificuldade, me levantando, me erguendo frente a todas as adversidades que enfrentei para chegar hoje aqui. Gratidão.

Por todo acolhimento e afeto que recebi, por todos que contribuíram para este trabalho e cito aqui alguns deles: Tetê de Oliveira, que esteve comigo durante as minhas vivências juninas no Concurso Estadual de Quadrilhas do Centur, a Jose Pavalova da quadrilha Reino de São João, ao Jorge Leão da quadrilha Rosa Vermelha e ao Bosco da quadrilha Roceiros da Barão, a todos brincantes de quadrilhas juninas.

Aos meus sujeitos-amigos de pesquisa, pelas contribuições riquíssimas que me disponibilizaram para esta dissertação: Edson Neves, Anderson do Rosário e Raimundo Costa, desejo a vocês que continuem brilhando e encantando a nossa quadra junina.

Aos meus grandes incentivadores e apoiadores nessa jornada, os meus irmãos Kelly Cristina Sousa Estevam e Rogerio Sousa Estevam.

A todos os meus ancestrais, avós e avôs maternos e paternos que não tiveram a oportunidade de concluírem nem o ensino médio, mas que, em suas limitações, sempre se mostraram grandes conhecedores da arte de saber viver.

Ao meu orientador, o professor doutor Miguel Santa Brigida, que com sua simplicidade e sabedoria conseguiu me guiar nesta jornada.

À professora doutora Ivone Xavier, por toda sua generosidade e compartilhamento de conhecimentos importantíssimos que me auxiliaram nesta caminhada.

A todo o colegiado pelo importante trabalho que exercem no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará.

Ao professor doutor Denis Bezerra, que foi meu orientador no curso de Licenciatura em Teatro, e que se tornou um amigo com ricas contribuições para o meu trabalho.

À professora mestra Rosilene Cordeiro, amiga de gira, que me auxiliou no reencontro com a minha fé.

Ao Tambor – Grupo de Pesquisa em Carnaval e Etnocologia (CNPq-2008), onde troquei e troco conhecimento, afeto e vivências nas manifestações existentes em nosso Estado.

À Otávia, mana tu és o máximo, gratidão!

A todos os colegas do curso de Mestrado.

Um agradecimento todo especial as pessoas que me afetaram com seus atravessamentos artísticos e humanos, e que lindamente compartilharam dessa experiência na pós-graduação comigo: Alana Lima, Ana Gama, Bernard Freire, Bianca Levy, Cássio Tavernard, Diego Quadros, Felipe Cortez, Germana Camorim, Iam Nascimento, Juan Silva, José Almeida, Juliana Bentes, Juliana Padilha, Laura Paraense, Luciana Borges, Lucian Souza, Marckson de Moraes, Marina Trindade, Maryori Cabrita, Pablo Muffarej, Renan Coelho, Renan Delmont, Renan Oliveira, Renata Maués e Saulo Caraveo. E, em especial, agradeço à Edilene Rosa, pela irmandade além das vivências acadêmicas.

À Universidade Federal do Pará, pela oportunidade de fazer o Mestrado em Artes.

Ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES/UFPA).

SÃO JOÃO, SÃO JOÃO ACENDE A FOGUEIRA NO MEU CORAÇÃO

RESUMO

ESTEVAM, Romulo Sousa. **Marcadores de Quadrilhas Juninas em Belém do Pará: Uma rasgação de afetos, trajetos e espetacularidades**. 2019. 78 fls. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém.

A pesquisa *Marcadores de Quadrilhas Juninas em Belém do Pará: uma rasgação de afetos, trajetos e espetacularidades* objetiva a investigação de três marcadores de quadrilhas juninas: Edson Neves da quadrilha Rosa Vermelha; Anderson do Rosário da quadrilha Reino de São João e Rai da quadrilha Roceiros da Barão. Para tanto me lanço como artista-pesquisador-participante pautado metodologicamente no campo da Etnocenologia, que se debruça em estudar as Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados – PCHEO (BIÃO, 2007). Na busca dessa compreensão fazemos um mergulho na cultura popular junina e convidamos autores para dançarem essa quadrilha com a gente, como Clifford Geertz (1989) e Canclini (1982) na grande roda de questões como identidade e cultura; nos processos criativos Sonia Rangel (2009), nas coreografias modernas Eleonora Leal (2011); no balancê etnocenológico as matrizes estéticas e culturais de Armindo Bião (2007), as comunidades emocionais de Maffesoli (1998) e a Espetacularidade de Dumas (2010). Como procedimento metodológico imergimos nesse universo junino acompanhando enamorados os processos criativos das práticas espetaculares dos marcadores eleitos, vivenciando os ensaios, concursos e momentos de descontrações e afetos. Este estudo busca contribuir com a produção de conhecimento oriundo da cultura da quadra junina de Belém do Pará indissociando o saber popular e o conhecimento científico como premissa etnocenológica.

Palavras-chave: Quadrilha Junina. Marcadores. Etnocenologia. Espetacularidade.

ABSTRACT

ESTEVAM, Romulo Sousa. **Markers of Junines Dances in Belém do Pará: a trait of affection, trajectory and spectacularity.** 2019. 78 fls. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém.

The researches of Junines Dances in Belém do Pará: a trait of affection, trajectory and spectacular objective aims the investigation of three markers of Juninas dances: Edson Neves of the group Rosa Vermelha; Anderson do Rosário from the Kingdom of São João and Rai of the Roceiros da Barão group. For that, I set myself up as an artist-researcher-participant methodologically based in the field of Ethnology, which focuses on studying Organized Spectacular Practices and Human Behavior – PCHEO (BIÃO, 2007). In the pursuit of this understanding we take a dip in popular Junin culture and invite authors to dance with us: Clifford Geertz (1989) and Canclini (1982) in the great circle of issues such as identity and culture; in the creative processes Sonia Rangel (2009), in the modern choreographies Eleonora Leal (2011); in the ethnological balance the aesthetic and cultural matrices of Armino Bião (2007), the emotional communities of Maffesoli (1998) and the Spectacularity of Dumas (2010). As a methodological procedure, we immerse ourselves in this Junino universe, accompanying enamored the creative processes of the spectacular practices of the chosen markers, experiencing the essays, contests and moments of relaxation and affection. This study seeks to contribute to the production of knowledge originating from the culture of the June block of Belém do Pará, dissociating popular knowledge and scientific knowledge as an ethnological premise.

Keywords: Junines Dance. Markers. Ethnology. Spectacularity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Revisitando memórias.	18
Imagem 02 – Casa de meus avós.	19
Imagem 03 – Criança Viada.	20
Imagem 04 – Pulando a fogueira.	25
Imagem 05 – Banho atrativo.	27
Imagem 06 – Jurado do Concurso de Ananindeua.	29
Imagem 07 – Olhos atentos para a quadrilha.	30
Imagem 08 – Fundação Cultural do Pará.	31
Imagem 09 – Amamentação de São João.	32
Imagem 10 – Concentração em oração.	33
Imagem 11 – Tetê e o Marcador campeão nacional 2019.	35
Imagem 12 – Roceiros da Barão – concurso do sujo do Rancho.	38
Imagem 13 – Banca de Jurados do Concurso do sujo da Tia Val, Belém.	38
Imagem 14 – Jurada Valéria.	39
Imagem 15 – Olhar atento para a espetacularidade.	39
Imagem 16 – O Marcador Encantado.	40
Imagem 17 – Concentração na quadra.	42
Imagem 18 – Esquemas, figuras coreográficas.	43
Imagem 19 – Que entrem os senhores marcadores.	47
Imagem 20 – Personagem Jeca-gay.	50
Imagem 21 – Concurso Parque Shopping.	53
Imagem 22 – Pesquisa de Campo. Ensaio.	55
Imagem 23 – Preparação para o concurso da Fumbel 2018.	56
Imagem 24 – Sanfoneiro Marcador.	58
Imagem 25 – Detalhes do traje da Rosa Vermelha.	59
Imagem 26 – Bastidores Fumbel. Rosa Vermelha.	59
Imagem 27 – Bastidores da Pesquisa. Encontros nos ensaios.	60
Imagem 28 – Ensaio da Reino.	61
Imagem 29 – Rivalidades juninas, o segredo da dança.	61
Imagem 30 – Ritual de Boas-Vindas.	62
Imagem 31 – Sorrisos e Afetos Juninos.	63

Imagem 32 –	Marcações de afeto na quadra.	66
Imagem 33 –	Marcador Rai.	67
Imagem 34 –	O corpo em busca de sua espetacularidade.	70
Imagem 35 –	Marcador Rai, presente a sua quadrilha!	71
Imagem 36 –	Rai com seu traje novo.	72

LISTA DE SIGLAS

AQUANTO – Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará.

FUMBEL – Fundação Cultural de Belém.

PCHEO – Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CORPO-RASGADO: TRAJETO DO PESQUISADOR	18
1.1 Esperança Junina	21
1.2 Quando olhei a terra ardendo qual fogueira de São João	24
2 CORPO-JURADO: CONCURSOS DE QUADRILHA EM BELÉM	29
2.1 Corpo de Jurados	35
2.2 Quando chega São João tem que ter arrasta pé!	41
3 CORPO-MARCADO: A ESPETACULARIDADE DOS MARCADORES	47
3.1 O Marcador da Quadrilha	47
3.2 Espetacularidade Marcadora	53
ATENÇÃO SENHOR MARCADOR, RESTAM CINCO MINUTOS...	74
REFERÊNCIAS	76

INTRODUÇÃO

Atenção senhoras e senhores jurados da banca: preparem o seu coração para as coisas que eu vou contar.

Apresento a vocês esta dissertação, parte constituinte desse processo de pesquisa, na qual discorro sobre o meu envolvimento com as quadrilhas juninas, desde meu primeiro contato durante a adolescência, passando pela experiência de colaborador do Concurso Estadual, posteriormente atuando como jurado de concursos e hoje como pesquisador desta prática espetacular popular.

Minha abordagem é etnocenológica, na qual valorizo teorias, referências, experiências pessoais, trajetões, trajetórias e emoções em convocações, ações e reverberâncias (PALHETA, 2016).

Meus caminhos que se cruzaram em 1995, traçando minha trajetória como artista, arrebatando-me pelos grupos juninos. Uma rasgadura¹, uma fenda abriu-se em mim, dilacerando meu coração com alegria, acolhimento e afeto. Um golpe que rasga minha homoafetividade, muda o meu lugar de brincante para espectador voraz e me levou além, para onde jamais imaginei chegar: a Pós-Graduação em Artes. Um marco, que abriu uma janela para o nascente e me lança novamente aos terreiros de São João, onde reencontrei a acolhida e o afeto de sempre, colocando mais lenha na fogueira do meu coração.

Atravessar as madrugadas vivenciando ensaios de quadrilha junina, rasgando-me na cidade de Belém do Pará, foi fundamental para compreensão do conceito Espetacularidade² fundamentado por Armindo Bião (2007) nos estudos da Etnocenologia, (re)conhecendo esses corpos – no caso o do marcador de quadrilha – os quais se rasgam com o amor que sentem em seu fazer: amor pela quadrilha, pelo ofício e amor pela oportunidade alcançada.

Os ensaios³ das quadrilhas juninas têm início em meados de janeiro e fevereiro, de abril a maio começam os concursos ditos “Sujo”, que recebem esse nome em virtude do traje da quadrilha ainda não ser quesito de julgamento. Esse concurso é utilizado pelo grupo para

¹ A distensão muscular ou rasgadura muscular ocorre quando um músculo se estica demais, gerando a ruptura de algumas fibras musculares ou de todo o tendão ou músculo envolvido.

² Conceito fundamental da Etnocenologia, abordado por Armindo Bião no artigo Um léxico para a Etnocenologia (2007).

³ Há registro de quadrilhas iniciando seus ensaios nos meses de outubro e novembro.

experimental algumas de suas coreografias, as quais sofrerão ajustes nas competições oficiais. E servem também para mostrar à comunidade quais quadrilhas se apresentarão naquele ano.

Assim como no sujo, a introdução deste trabalho pretende comunicar que iremos nos apresentar neste ano e que o assunto abordado na dissertação, busca contribuir com a produção de conhecimento oriundo da cultura popular junina de Belém do Pará, trazendo as contribuições teóricas dos estudos da Etnocologia, que tem por uma de suas vertentes a vivência nas Práticas e Comportamentos Humanos Espetaculares Organizados – PCHEO⁴, como bem esclarece a pesquisadora do campo, Alexandra Dumas (2010), sobre a Espetacularidade, que "[...] no campo da pesquisa etnológica, a Espetacularidade é destacada em algumas formas de pensar o evento cênico".

O termo rasgação adotado nesta pesquisa não constitui como categoria de análise de questões de gênero desta investigação, que centra-se na Espetacularidade, para isso, lanço-me como artista-pesquisador-participante (SANTA BRIGIDA, 2007) nos ensaios, processos criativos e comunidades emocionais (MAFFESOLI, 1998) de três quadrilhas juninas de Belém do Pará eleitas para esta pesquisa: Rosa Vermelha, Roceiros da Barão e Reino de São João, sobre as quais lanço o olhar aos sujeitos conhecidos como Marcadores de Quadrilha, na tentativa da compreensão de sua(s) Espetacularidade(s).

O meu primeiro contato com a Etnocologia se deu no ano de 2013 no Curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Pará, na disciplina com o mesmo nome ministrada pelo professor Dr. Miguel Santa Brigida. Foi paixão à primeira vista, pois logo nas primeiras aulas compreendi que através dessa Etnociência das Artes e Formas Espetaculares poderia dar início a pesquisa nas quadrilhas juninas, pois um dos ramos de estudo da Etnocologia é denominado de Ritos Espetaculares e tem como foco de estudo as procissões religiosas, os carnavais, cerimônias e as quadrilhas juninas, dentre outros fenômenos. Desta forma compreendemos que a "[...] Etnocologia se apresenta como espaço necessário de investigação no campo das artes do espetáculo, acolhendo não só teorias e práticas, mas, sobretudo dúvidas, reflexões, encontros e descobertas". (DUMAS, 2010, p. 4).

A possibilidade de estudar sobre esses fenômenos culturais sem ter a necessidade de distanciamento para falar sobre eles foram essenciais para que fosse arrebatado de uma vez por essa Etnociência, na busca para uma maior compreensão me debrucei primeiramente nos escritos de Santa Brigida (2007, p. 199), o qual nos afirma que “Ainda é recente no ambiente universitário brasileiro o acolhimento de pesquisas que conciliam o saber científico com o saber

⁴ Termo proposto em 1995, na França e mantém-se até hoje como eixo norteador das pesquisas neste campo de estudo (SILVA, 2016, p. 96).

popular, numa abordagem que associa a teoria e a prática como principal premissa epistemológica”.

A Etnocnologia foi "Lançada na Universidade Paris VIII em 1995, liderada por Jean-Marie Pradier [...] inaugurando um novo paradigma teórico-metodológico e promovendo um singular avanço da pesquisa artística no ambiente universitário brasileiro” (SANTA BRIGIDA, 2015, p. 13-14), assim valorizando o conhecimento produzido nos mais diversos segmentos.

Conforme Santa Brigida (2007, p. 199), a Etnocnologia utiliza-se “[...] do seu saber estruturado para junto com a construção do saber popular, produzir formas e teorias capazes de desvelar a diversidade das práticas espetaculares contemporâneas”, dessa maneira encontrei o caminho teórico e metodológico para esta pesquisa, valorizando o saber dos fazedores populares da quadra junina belenense.

Esta pesquisa tem como objetivo geral a investigação da espetacularidade de três marcadores de quadrilhas juninas: os marcadores Edson Neves da quadrilha Rosa Vermelha do bairro da Terra Firme, Anderson do Rosário da quadrilha Reino de São João, que mantém seus ensaios na Praça da Bandeira no bairro do Comércio, e Rai⁵ da quadrilha Roceiros da Barão, na busca dessa compreensão imergi nos ensaios das três quadrilhas das quais os sujeitos fazem parte.

A vivência nos ensaios e os estudos nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Artes possibilitaram a construção dos objetivos específicos e para adentrar essa rasgadura pretende-se: a) descrever o trajeto do pesquisador em relação ao fenômeno pesquisado; b) apresentar a organização dos Concursos de Quadrilha em Belém; c) compreender a Espetacularidade de três marcadores de Belém: Edson Neves (Rosa Vermelha/Terra Firme), Anderson do Rosário (Reino de São João/Guamá) e Raimundo Costa (Roceiros da Barão/Guamá).

Na primeira seção desta pesquisa apresentarei o meu envolvimento com a quadra junina, traçando minha trajetória artística até o momento atual, revelando o meu primeiro contato com os fenômenos pesquisados, para isso, além dos já citados, convidei alguns autores para dançar esta quadrilha comigo: na nostalgia dos balancês Cecília Salles (2008), que balançou minhas estruturas e escavou feridas por mim esquecidas; Michel Maffesoli (1998, 2010) em uma grande roda de trajetos e afetos na comunidade Esperança Junina; convido para uma segunda coreografia a Profa. Dra. Eleonora Leal (2011), que em seu anarriê mostra algumas características das quadrilhas modernas dos anos de 1980, convido também Sonia Rangel

⁵ Raimundo Costa, mas é conhecido pela comunidade junina como o marcador Rai.

(2009) que ajuda a construir esses processos criativos juninos, e no trançar da maresia Clifford Geertz (1989) que me ensinou a coreografia de interpretação e formação das identidades culturais. Destaco nesta seção os elementos que permeiam as festas juninas: As fogueiras de São João, que foram bastante presentes na minha infância; os banhos de cheiros de São João típicos de nossa região, usados para limpeza do corpo e para perfumar a nossa quadra na compreensão da Espetacularidade.

Na segunda seção, disserto sobre a organização dos Concursos de Quadrilha em Belém, a partir das minhas vivências enquanto participante da organização, e atuando como jurado nos concursos oficiais e do sujo, bem como discorro sobre a origem da quadrilha junina, de como chegou ao Brasil, e como se constituiu na capital paraense.

A terceira seção será dedicada a discorrer as vivências como artista-pesquisador-participante nos ensaios, encontros e concursos que as três quadrilhas participaram no ano de 2018, e que tive a oportunidade de acompanhar: Rosa Vermelha, Roceiros da Barão e Reino de São João, em que estarei pautado na construção teórica e metodológica da Etnocenologia, tendo como interesse a prática dos marcadores e seus processos criativos, na tentativa da compreensão de suas Espetacularidades. Por fim, apresento as Considerações Finais e as Referências.

1 CORPO-RASGADO: TRAJETO DO PESQUISADOR

*Vou pedir ao meu São João, pra subir com você no balão,
toda alegria, toda energia, toda poesia no meu coração,
meu São João, meu São João.*

O termo ‘rasgação’ é usado neste estudo como verbo de ação e não define categoria de análise desta pesquisa. Esse verbo de ação foi acionado na pesquisa a partir de uma proposta da professora Dra. Ivone Xavier na disciplina Atos de Escrita, que me possibilitou fazer um mergulho bem fundo nas minhas memórias, é feito de lembranças e esquecimentos, e muito da minha infância preferi esquecer, a ponto de crer que não aconteceram, mas para que eu possa discorrer sobre todo o amor que eu sinto pelas quadrilhas juninas, que me levou de encontro aos marcadores de quadrilhas juninas, precisarei fazer um mergulho em minha trajetória, escavando certas feridas há muito intocadas.

Essa caminhada inicia realizando um antigo ritual, por meio de revisitações. Assim volto ao Rio Tauá, guardião de minhas lembranças, onde minhas emoções são bagunçadas, reviradas. Demoro a criar coragem para pisar o velho trapiche, fico estático, pois tudo é muito simbólico, o trapiche, as árvores, o rio: "[...] os objetos, por si, já se tornam simbólicos, são símbolos de tipo especial, sendo que o significado é transcendente" (LOUREIRO, 2007, p. 34).

Imagem 01 – Revisitando memórias. *Eu na beira do trapiche no rio do imaginário.*



Fonte: Acervo Pessoal.

Na infância, mais precisamente durante os meses de julho da década de 1980, eu e meus primos tínhamos o hábito de passar as férias na casa de meus avós maternos, na comunidade de

São Brás do Tauá, a cinco quilômetros do município de Santo Antônio do Tauá que está a cinquenta e cinco quilômetros da capital Belém, compartilhávamos de momentos muito felizes, pois como a casa ficava em uma comunidade de pescadores, tínhamos o rio e muito espaço para as brincadeiras habituais de crianças.

Como a casa não pertence mais a minha família, fiz um registro fotográfico apenas da frente, os novos donos não mudaram a estrutura da casa, apenas a cor que antes era branca e agora está verde, as cercas eram repletas de flores e como podemos observar na imagem abaixo, o cercado está em estado de má conservação:

Imagem 02 – Casa de meus avós. *Acredito que pelo péssimo estado de conservação essa casa hoje sirva apenas como casa de veraneio.*



Fonte: Acervo Pessoal.

Esse vínculo com o espaço de infância é muito significativo em mim, começo o trajeto por esse lugar, pois algumas de minhas difíceis lembranças são vindas a superfície após realizações alcançadas no percurso pelas quadrilhas juninas. Ainda falando sobre o significado da casa dos meus avós:

[...] o lugar faz o laço. O laço significa que o espaço, a natureza, e os elementos primordiais que a compõe, tornam visível a força invisível do laço que me une aos outros. Donde a importância simbólica de um termo como “casa”, que, em seu sentido essencial, remota a este abrigo comum, onde podemos encontrar segurança e proteção. Certamente contra desdobramentos dos elementos naturais, mas igualmente contra as adversidades sociais. (MAFFESOLI, 2010, p. 73).

Meus avós eram nativos da cidade de Soure, no arquipélago do Marajó, e nos últimos 15 dias de julho, meu avô sempre viajava para sua cidade natal, e levava consigo todos os meus

primos homens, restávamos eu e as minhas primas, sempre estranhei muito o porquê de nunca ser levado, mas como ainda me restavam as companhias doces das minhas primas não me importava muito de não ser levado, pois nos divertíamos muito, lembro que uma de nossas brincadeiras era o concurso de miss caipira, começávamos dançando quadrilha e no meio da dança tinha início a disputa das misses e eu entrava como mister caipira, categoria que criamos para que eu pudesse participar. Porém, no momento em que eles retornavam e contavam todas as brincadeiras e aventuras que haviam passado na cidade de Soure, seus relatos de certa maneira me incomodavam.

Em uma das férias resolvi indagar minha mãe do porquê não ser levado por meu avô, insisti tanto que a mesma foi perguntar para o seu pai, que lhe respondeu de maneira rápida e ríspida que só levava com ele os netos machos que tinha, sem ter o mínimo cuidado com a minha presença.

Nesse momento comecei a compreender minha homoafetividade, tanto que hoje observando a obra “Criança Viada” de Bia Leite, reproduzida abaixo, fiquei estático olhando essa retratação, pois foi um momento de profundo reconhecimento e fruição:

Imagem 03 – Criança Viada. *Consigno me ver reproduzido nesta imagem.*



Fonte: Criação Bia Leite.

Esta imagem ativou minhas memórias mais profundas, rasgando meu esquecimento das diversas vezes que fui rejeitado, não precisavam palavras, os olhares e os esquecimentos eram suficientes, não ser levado para as pescarias com meu avô, tendo como alegação que era

panema⁶, hoje fazem outro sentido para mim. Hoje consigo “rasgar o verbo”, é importante, pois sei o quanto é difícil tocar nesse assunto e o quanto se é velado.

1.1 Esperança Junina

Continuando a minha trajetória, não poderia deixar de falar sobre a minha experiência com a dança da quadrilha. Durante a década de 1990 fui residir na rua WE 10 do Conjunto Satélite, bairro do Coqueiro, que fica afastado do centro da cidade de Belém, como sempre fui muito comunicativo assim que cheguei no conjunto resolvi andar na intenção de conhecê-lo melhor, e ao passar em frente a uma casa simples no final da rua que morava, fui arrebatado por uma música alta e o aglomerado de pessoas, como não existiam muros era possível ver todo o terreno, lembro que estava tocando a música "Mineira", de João Nogueira, aos pouco fui me aproximando para assistir aquela dança, eles estavam em pares, demorei para compreender do que se tratava, mas resolvi permanecer no local para assistir, porém não era o único, ao lado da casa haviam várias pessoas que também assistiam ao ensaio, lembro bem da sensação boa de estar escutando aquela música pela primeira vez e vendo aqueles dançarinos, sempre muito alongados, executarem algumas coreografias. Percebi uma vibração em meu corpo que hoje em virtude das disciplinas do mestrado em artes consigo fazer uma associação com Warburton que explica que essa ressonância que vibrou em meu corpo tem a ver com a:

[...] correspondência somatomotora eu-outro pode ocorrer no nível do reflexo via ressonância motora. Ressonância motora é uma ideia geral que implica a ativação de substratos neurais ou psicológicos comuns para a observação e execução de uma ação: por exemplo, observar a ação do outro faz com que meu sistema motor ressoe com o dele. (WARBURTON, 2016, p. 9).

E era assim que me sentia, meu corpo ressoava aquela dança, aqueles corpos, já me sentia parte daquilo sem ao menos conhecer ninguém daquele lugar. Ao término da coreografia os dançarinos permaneceram no quintal com poses estáticas, e eu continuava observando querendo ver mais coreografias. E então começou a tocar outro ritmo, era a quadrilha junina, eles começaram a gritar e a dançar mais empolgados, o que me deixou em estado de êxtase somente de estar contemplando aquele ensaio. A quadrilha desse período era conhecida como moderna e “[...] os grupos de quadrilhas motivados a dançar distintos gêneros de danças começaram a incluir de três a quatro danças populares no repertório de suas apresentações, tais como o Xote, a Dança Afro, o Forró, o Carimbó e a Macumba” (LEAL, 2011, p. 53).

⁶ Termo usado pelos pescadores para definir uma pessoa que não tem sorte na pescaria.

Era a quadrilha Esperança Junina, liderada pelo seu Raimundo e a dona Arlete, Xuxarlete para os íntimos, seu Raimundo também era o marcador da quadrilha, e nesse primeiro contato o entendia como uma espécie de palhaço, um bufão, e ao mesmo tempo um bêbado, mas que todos escutavam o seu comando.

Durante a minha jornada nos anos de 2018 e 2019 encontrei com a Tetê Oliveira⁷, que é a vice-presidente da AQUANTO, e após conversar com ela descobri que o seu Rai era conhecido como Rai briguento e que era um dos marcadores mais antigos que ela conhecia, pois, seu Rai já era envolvido com quadrilhas juninas desde a década de 1970:

Seu Rai não era o marcador? Ele não era um velhinho? Ele já morreu né! Ele fumava pra caramba nera? Ele tinha um bigodinho não era isso? Ele brigava, brigava comigo que só, mas assim a gente brigava por concurso, ele era o marcador mais antigo, ele era o mais antigo na época [...] a gente chamava ele de Rai briguento, mas ele era o marcador mais antigo do Pará, era ele, e ele conseguiu fazer o comando da quadrilha assim, cada marcador tem o seu jeito. (OLIVEIRA, 2019).

Não compreendia a sua importância como marcador, nem o seu real fazer dentro da quadrilha, pois ainda não tinha idade e nem vivência na quadra, então a minha visão limitada enxergava o marcador apenas como o dono da quadrilha, acreditava que tinha que ser o dono, pois como ele queria vencer os concursos, atuando como marcador ele estaria controlando tudo de dentro, mas era apenas o meu ponto de vista, hoje compreendo que essa atividade vai além, mais adiante continuaremos a falar sobre a Espetacularidade dos marcadores de quadrilha.

Ainda sobre esse dia, assim que o ensaio acabou percebi que alguns dançarinos ainda estavam aprendendo as sequências coreográficas, então me aproximei do grupo e perguntei como poderia participar, primeiro eles perguntaram qual era a minha idade e disseram que se estivesse livre poderia começar a ensaiar naquela mesma hora, e assim o fiz.

Durante os ensaios percebi que as coreografias eram bem complexas, e eu não tinha nenhuma experiência com danças, mas a vontade de fazer parte daquele lugar era tanta que consegui aprender com rapidez, tanto que em duas semanas já estava ensinando a coreografia para outros dançarinos, sentia meu corpo em estado alterado (BIÃO, 2007), e a sensação era maravilhosa.

A frequência com que me envolvia nos ensaios ia construindo uma relação de amizade por todos, queria estar lá, me sentia muito bem dançando, a quadrilha antes de tudo era um local de acolhimento e afeto, todos eram bem-vindos, precisávamos de todos para que

⁷ Itamar Oliveira, vice-presidente da Associação de Quadrilhas Juninas e Núcleo de Toadas do Estado do Pará (AQUANTO).

conseguíssemos construir um grupo apto a participar da quadra, pois constavam nos regulamentos dos concursos oficiais os seguintes critérios:

1. Somente participariam pessoas a partir de 13 anos;
2. As quadrilhas poderiam ter no máximo 16 brincantes;
3. As quadrilhas deveriam se apresentar com o traje da época;
4. O tempo máximo de apresentação era vinte e cinco minutos. O jurado julgava evolução, traje típico, marcação, conjunto, harmonia e tempo. (LEAL, 2011, p. 56).

Comecei a compreender que naquele lugar a única recompensa era a vivência, a experiência, a querência pela quadrilha, percebi que estávamos rodeados dos nossos iguais, "daqueles que pensam e sentem como nós" (MAFFESOLI, 1998, p. 19). Mas o fato de querer dançar quadrilha não foi bem visto em casa, então participava escondido dos ensaios. Em virtude de não ter a aprovação da minha mãe para dançar quadrilha, pois na visão dela era um lugar de "gays rasgados" e isso poderia influenciar em minhas decisões sexuais, foi então que resolvi participar apenas dos ensaios, sem o consentimento dela, os quais eram momentos de trocas intermináveis, na verdade me arrisco a dizer que era melhor que a apresentação nos concursos, pois durante os ensaios estávamos mais descontraídos, sem a tensão do julgamento alheio, mas com toda a nossa atenção na dança e na criação.

O ensaio não quer dizer ausência de rigor, pelo contrário, soma-se nele exaustivas tentativas de se configurar às vezes o inconfigurável. O rigor do ensaio está na sua matéria mole. Maleabilidade para a direção da busca poder incluir o que encontrar de mais significativo nas tentativas e nas bordas, nas surpresas e encontros do caminho. (RANGEL, 2009, p. 106).

E apesar de não participar dos concursos, fiquei acompanhando a quadrilha Esperança Junina por dois anos, sempre indo para os ensaios às escondidas, conseguia ir em alguns concursos assistir e torcer por eles, esperando o dia em que eu conseguisse a aprovação da minha mãe para participar.

Minha experiência como dançarino de quadrilhas juninas encerrou antes mesmo de começar oficialmente, pois no ano de 1995 durante um dos ensaios na música "Canta Brasil", interpretada por Gal Costa, sofri um pequeno acidente. No final da música eu tinha que executar um passo coreográfico que culminava em uma estrela, no qual precisava dar um impulso e girar o meu corpo no ar com as duas mãos apoiadas no chão e em seguida cair com as pernas em abertura, como não estava alongado o suficiente, por não ter uma preparação adequada para dança, tive uma lesão, uma rasgadura no músculo da coxa esquerda, motivo pelo qual tenho o desnível no andar e que também me afastou como dançarino dessa manifestação popular.

Essa rasgadura rasgou também minha homoafetividade, pois como não conseguia andar sozinho, fui levado por amigos assumidamente gays até minha casa, e lá tive que revelar que estava participando dos ensaios da quadrilha e apesar de minha mãe saber sobre minha homoafetividade nunca tínhamos conversado sobre o assunto, ela aproveitou o momento para me perguntar sobre minha orientação sexual, e aos meus 13 anos de idade tive que me assumir gay, o que para mim não havia interferido em nossa relação, mas logo em seguida "ganho" uma passagem para ir morar com meu pai em Boa Vista - RR.

Fui afastado da vivência com a quadrilha e com as pessoas que me acolheram em um dos momentos de maiores descobertas, porém a convivência com meu pai não durou muito e após seis meses volto para Belém, e sou mais uma vez orientado por minha mãe a não me envolver com quadrilhas juninas, mas apesar da proibição já trago em minha carne esse amor encarnado, minha relação com a quadra junina modifica-se de brincante para espectador-brincante, pois apesar da posição de espectador, todas as vezes em que estou vivenciando a quadra junina me sinto como parte integrante das quadrilhas.

No ano de 1996 nos mudamos para a cidade Santo Antônio do Tauá, localizada na PA140. Nesse período a cidade não oferecia muitos atrativos e não conheci nenhuma quadrilha durante os anos em que morei nela.

Ainda sobre o meu trajeto nos folguedos juninos, tenho o hábito de dizer que não estudo quadrilhas, vivencio elas ao longo de minha vida, e como estamos falando de vida, começo destacando minhas primeiras lembranças dessa quadra tão maravilhosa e especial para mim.

Minha primeira lembrança da quadra junina, inicialmente não tem relação com o grupo que se apresenta para dançar e sim com os rituais que permeiam [ou permeavam] o mês de junho aqui em Belém. O primeiro deles é o ritual da fogueira de São João, acho que deveria ter por volta de nove a dez anos de idade, entre os anos 1989 e 1990, morávamos na passagem Gil Alves, no bairro de Nazaré, centro de Belém, as quadrilhas se apresentavam nas ruas, nas festas chamadas quermesses, haviam muitas comidas, em especial o mingau de milho branco e o bolo de macaxeira, lembro também que haviam bastantes fogueiras espalhadas pelos bairros.

1.2 Quando olhei a terra ardendo qual fogueira de São João

As fogueiras eram bem tradicionais no período junino, como as ruas eram de chão batido e não havia asfalto nas redondezas da minha casa, eram bem comuns os banquinhos de madeira ao redor das árvores. Nas noites do mês de junho lembro que sentávamos ao redor das fogueiras para contar diversas histórias, e fazer os famosos batizados de São João, pulávamos a fogueira

sozinhos e em outros momentos acompanhados com quem seriam os nossos padrinhos de fogueiras, padrinhos de São João, no meu caso a madrinha foi a minha vizinha Norma, que a partir daquele momento passei a chamar madrinha e desse dia em diante toda vez em que nos encontrávamos eu tinha que tomar bênção dela.

Na próxima imagem podemos ver como o ritual acontecia. Na prática ou tirávamos uma lenha da fogueira e colocávamos no chão, ou esperávamos o fogo diminuir para pular por cima da fogueira, dávamos as mãos e pulávamos três vezes repetindo: "*São João disse, São Pedro concordou, vamos ser comadres que Jesus Cristo confirmou*":

Imagem 04 – Pulando a fogueira.



Fonte: Google Imagens.

O aparecimento das fogueiras de São João possui várias explicações, em uma delas:

[...] as fogueiras têm sua gênese na festa de celebração do nascimento de João Batista, o São João, primo de Jesus e filho de Isabel, aquela que não poderia mais ter filhos em virtude da avançada idade. Esta, a fim de anunciar a todos o nascimento do rebento, levantou um mastro com uma boneca espetada na ponta e acendeu uma grande fogueira ao redor. E aquele gesto passou a ser repetido pelo povo. (BARROSO, 2013, p. 46).

Porém, após a leitura de vários textos, me deparei com a tese de Amaral, a qual diz que a possível origem das fogueiras remonta ao:

[...] século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão (dia mais longo do ano, 22 ou 23 de junho), vésperas do início das colheitas. No hemisfério sul, na mesma época, acontece o solstício de inverno (noite mais longa do ano). Como aconteceu com outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo, e trazido pela igreja católica ao Novo Mundo. A comemoração das festas juninas é certamente herança portuguesa no

Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a elas se mesclaram na Europa (AMARAL, 1998, p. 159).

Como estou falando de cultura popular e acredito em seu hibridismo, comungo do pensamento de Bião (2007) quando nos esclarece que a cultura possui várias matrizes, que o contato cultural é um fenômeno "gerador de novas formas de cultura", desse modo não vejo nenhum problema em atribuir a origem das fogueiras aos dois acontecimentos, pois não estou aqui querendo validar a origem das fogueiras e sim o seu uso que dá valor de identidade de cultura popular.

[...] popular não deve por nós ser apontado como um conjunto de objetos (peças de artesanato ou danças indígenas), mas sim como uma posição e uma prática. Nenhum objeto tem o seu caráter popular garantido para sempre porque foi produzido pelo povo ou porque este o consome com avidez; É o uso e não a origem, a posição e a capacidade de suscitar práticas ou representações populares, que confere essa identidade. (CANCLINI, 1982, p. 135).

As festividades juninas em Belém nesse período sempre foram muito diversificadas, no bairro da Cremação, por exemplo, aconteciam os famosos arraiás de rua, embalados ao som das aparelhagens, nessas festas aconteciam concursos de quadrilhas juninas, umas das ruas mais agitadas desse bairro era a Passagem Vila União, rua onde a minha bisavó Prisca residia, em cada quarteirão dessa passagem acontecia uma festa diferente, tínhamos a festa da maçã, a festa do balão, a festa da união.

Minha bisa era dona de um terreiro de umbanda localizado na parte da Vila União onde acontecia a festa da maçã, e no dia da festa havia um trabalho dentro do seu terreiro, eu não participava, pois era proibido pela minha mãe, mas no final do trabalho antes de começar a festa o banho de cheiro era tradição, e todos podiam participar. Lembro de o cheiro exalar em toda a festa.

No dia 24 de junho na celebração a São João acontece o famoso banho de cheiro, usado para atrair a boa sorte. No Concurso Estadual de Quadrilhas que acontece na Fundação Cultural do Pará, fica disponível na entrada que dá acesso ao público um alguidá⁸ contendo esse referido atrativo, o banho é usado na expectativa de conseguir dinheiro, paz, saúde e até a volta de um grande amor. O banho é preparado com diversas ervas como patchouli, flores, cascas de madeiras, folhas e diversas essências cheirosas como a catinga de mulata, chama, abre caminho, chora nos meus pés, uirapuru, priprioca, entre outras.

⁸ Alguidá: vasilha circular feita de barro utilizado nos rituais das religiões de matrizes afro-brasileiras para fazer assentamentos ou oferendas dentro do terreiro aos orixás, caboclos e Exús.

O banho de cheiro, característica de nossas matrizes indígenas e africanas, está presente no universo dos quadrilheiros, que perfumam seus trajes minutos antes da disputa nos concursos, usado como um elemento que além do perfume que preenche todo o espaço quando o grupo se posiciona na quadra para a disputa, possui uma ligação com o espiritual, pois os banhos são usados em nossos corpos, fazendo parte de nossas crenças, na utilização para a limpeza das impurezas oriundas de invejas, mau-olhado e possíveis demandas ruins que possam nos terem enviados. Limpando o nosso corpo e trazendo possibilidades de vitórias em nossas vidas.

Ele geralmente fica disposto na entrada das festas dentro de um alguidá, como podemos observar na imagem que tirei do banho que sempre faço uso na intenção de boas energias:

Imagem 05 – Banho atrativo.



Fonte: Arquivo Pessoal. Foto: Romulo Sousa Estevam.

“Com a filha de João, Antônio ia se casar, mas Pedro fugiu com a noiva, na hora de ir para o altar. A fogueira está queimando e um balão está subindo [...]”. Esse trecho da canção “Pedro, Antônio e João”, que sempre foi muito tocada nas festas de ruas da cidade de Belém retrata duas grandes atrações no período de festas juninas brasileiras: Fogueira e Soltura de Balões, não me recordo dos balões a gás fazerem parte de nossas tradições, mas tanto as festas quanto as fogueiras são muito vivas em minhas lembranças.

Mas o que antes era tradição, agora é considerado crime ambiental. Com o advento da Lei nº 9.605/1998, nos artigos 41 e 42, que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atos lesivos ao meio ambiente, as queimadas em matas ou florestas,

bem como a soltura de balões passaram a ser consideradas infrações penais, passíveis de punição criminal com detenção, reclusão e/ou multa, a depender de cada tipificação penal.

Enquanto as festas de ruas onde aconteciam os arraiais de São João, desapareceram por conta do aumento da violência na cidade e algumas reclamações de alguns moradores culminando na lei municipal número 7990/00, de 10 de janeiro de 2000, sancionada pelo então prefeito Edmilson Brito Rodrigues. Vale ressaltar que as festas de ruas em Belém não aconteciam apenas no período do São João, mas que era um dos costumes da cidade no decorrer de todo o ano.

2 CORPO-JURADO: CONCURSOS DE QUADRILHA EM BELÉM

"foi numa noite igual a esta que tu me deste o teu coração, a noite estava assim em festa porque era noite de São João [...] E no terreiro o teu olhar que iluminou meu coração."

Imagem 06 – Jurado do Concurso de Ananindeua. *Meu olhar marejado de quadrilhas.*



Fonte: Acervo Pessoal.

Nesta seção irei discorrer sobre os concursos de quadrilhas juninas que acontecem em Belém, o concurso Estadual de Quadrilhas juninas promovido pela Fundação Cultural do Pará – Centur e o concurso de quadrilhas de Belém, organizado pela Fundação Cultural de Belém - Fumbel, ressaltando que ambos os concursos possuem um regulamento singular, que difere dos outros concursos realizados no interior do Estado e do Concurso Nacional de Quadrilha. Para isso neste momento farei essa trajetória passando por minhas vivências nos dois concursos, consultando os regulamentos desses concursos e a oralidade de alguns fazedores dessa cultura.

No início da década de 2000 voltei a residir em Belém e fui contratado como serviços prestados no Centur, em especial na organização do Concurso Estadual de Quadrilhas Juninas, o que me possibilitou conhecer um outro lado desse universo, os preparativos que antecedem o concurso; a concentração dos grupos nos bastidores; os familiares que acompanham os brincantes para darem todo o apoio que precisam; o desespero de alguns grupos pelo atraso de brincantes na concentração; o momento de aflição quando algum elemento do traje se desfaz; presenciar alguns brincantes saírem carregados após a apresentação por estarem sem a

alimentação adequada, entre outras questões que permeiam esse lindo universo junino e que tive a oportunidade de vivenciar estando nesse lugar, minha relação com as quadrilhas se alterou, estou em outra posição, que bom que estava naquele lugar, que pude me solidarizar com aqueles brincantes, pois comungo da ideia que:

Antes de mais nada viver uma cultura é conviver com e dentro de um tecido de que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores, o desenho do bordado e o tecelão. Viver uma cultura é estabelecer em mim e com os meus outros a possibilidade do presente. (BRANDÃO, 2002, p. 24).

O Centur é uma Fundação Cultural do Governo do Estado do Pará, fica localizado na Av. Gentil Bittencourt, nº 650, no bairro de Nazaré, centro da cidade de Belém, o prédio comporta vários departamentos, dentre eles eu destaco a Biblioteca Pública Arthur Vianna, o Cine-Teatro Líbero Luxardo e o Teatro Margarida Schivasappa, famoso por ser palco de várias apresentações de companhias de teatro do Brasil, além do centro de eventos. O prédio contém um hall de entrada conhecido como a Praça do Povo e a Praça do Artista, que medem 600 metros quadrados de área coberta e servem de palco para grandes eventos como o Arraial de Todos os Santos, onde acontecem apresentações com grupos culturais, mostra de pássaros juninos e o Concurso Estadual de Quadrilhas Juninas do Estado do Pará.

Imagem 07 – Olhos atentos para a quadrilha.



Fonte: Acervo Pessoal.

Dediquei oito anos da minha vida trabalhando na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, iniciei como ascensorista, em seguida como bilheteiro do Cine-Teatro Líbero Luxardo e Assistente Cultural no Teatro Margarida Schivasappa e no Centro de Eventos Ismael Nery.

Esse lugar tem como missão o fomento as manifestações culturais do Estado, o que me proporcionou a oportunidade de vivenciar de perto os mais diversos rituais pertencentes a nossa cultura. Antes de trabalhar nesse lugar passava pelo prédio sem nem fazer ideia das diversas atividades que eram promovidas por ele, pois como podemos observar na próxima imagem ele é um prédio como outros:

Imagem 08 – Fundação Cultural do Pará. *O Centur foi um lugar de grandes aprendizados e verdadeiras paixões.*



Fonte: ASCOM FCP. Foto de Leandro Ribeiro.

Minhas atribuições como assistente cultural me possibilitavam fazer parte da produção do Concurso Estadual de Quadrilhas, participando das inscrições, momento em que sempre escutávamos boas histórias dos quadrilheiros e até ganhávamos alguns mimos como farinhas, frutas, pupunhas que eles traziam apenas como um agrado, mas também buscando uma aproximação.

Nos dias em que aconteciam os concursos eram bem desgastantes, pois precisávamos estar desde às nove horas da manhã para dar conta de nossas atribuições nos setores ao qual éramos ligados e a partir das dezessete horas dávamos início as atividades do concurso, mas o prazer de estar ali era tão grande que não sentíamos o cansaço em nosso corpo.

A equipe ficava dividida, em quem recebia os grupos na concentração e acompanhava-os até o local da apresentação, a equipe responsável pelos jurados, e a equipe responsável pelo som, entre outras. Eu atuava na equipe que recebia os grupos na concentração ficando imerso no meio de todas as quadrilhas revivendo aquele momento por outro lado.

Mergulhando fundo nesse universo junino passei a reconhecer nossas semelhanças e diferenças, que passou a ser muito mais do que se ver no outro, é ver o outro, como ele é, entendê-lo, compreendê-lo, vê-lo com afeto, “[...] o afeto enquanto substância fundante para o resultado qualitativo e original dessas travessias na construção do pensamento e da teoria etnocenológica.” (SANTA BRIGIDA, 2015, p. 23). Esse afeto nos possibilita a aproximação, a ponto de presenciarmos um momento tão mágico como o da mãe-brincante dando de mamar ao seu filho minutos antes da apresentação:

Imagem 09 – Amamentação de São João. *Relações de afeto na concentração.*



Fonte: Acervo Pessoal. Foto: Romulo S. Estevam.

A vivência neste singular ritual coletivo nos permite o reencantamento e o aprendizado entre a relação de afetos, sentimentos e saberes. Durante o concurso da Fumbel em 2018 pude presenciar o momento de preparação do corpo minutos antes de entrar em cena, observando todos os rituais executados pelos grupos juninos, que passam desde o banho de cheiro nos trajes dos brincantes até a realização de orações, lindamente registrada na imagem a seguir, que reforçam a espiritualidade ao corpo. A espiritualidade é importante para a Etnocenologia, pois:

Aprofundam seus estados espirituais de integração com o sagrado, redimensionado seus corpos para a performance [...] quando dançam, seus movimentos estão impregnados de suas vivências e práticas religiosas. Nos ensaios que começam seis meses antes [...] seus corpos ritualizam a grandeza da dança performada. (SANTA BRIGIDA, 2012, p. 05-06).

Imagem 10 – Concentração em oração. *Momento de invocação da espiritualidade para que tenham êxito em sua apresentação.*



Fonte: Acervo Pessoal. Foto: Romulo S. Estevam.

O concurso de quadrilhas da década de 2000 já estava muito diferente do que era feito na década de 1990, em que participei como brincante, onde os grupos juninos se apresentavam:

Da seguinte maneira: o grupo entrava, posicionava-se e iniciava a quadrilha, após uns cinco minutos paravam, rapidamente tomavam uma outra posição do corpo no espaço para a próxima dança, e desta maneira exibiam suas danças, por último, retornavam à quadrilha para despedirem-se e saírem do palco. Esta modalidade de quadrilha era frequente nos concursos promovidos nos bairros. (LEAL, 2011, p. 54).

Em virtude da descaracterização das quadrilhas juninas, por conta das danças que faziam parte das apresentações nas décadas de 1980 e 1990, onde os grupos juninos passaram a incluir, além da dança quadrilha mais "[...] três a quatro danças populares no repertório de suas apresentações, tais como o Xote, a Dança Afro⁹, o Forró, o Carimbó e a Macumba¹⁰" (LEAL, 2011, p. 53), os concursos oficiais de Belém passaram a exigir que se fosse apresentado apenas as quadrilhas ditas tradicionais, sem a inclusão de outras danças, essa decisão também foi decidida porque nesse período além do concurso das quadrilhas aconteciam os concursos de grupos de dança, e como os quadrilheiros não participavam assiduamente nesses concursos, ficavam brechas nas programações dos concursos da Fumbel, o que fazia com que o público deixasse o local do concurso. A apresentação de danças no decorrer da quadrilha nos concursos oficiais de Belém continua proibida até os dias atuais como podemos observar no item 4.1, do regulamento do concurso Estadual de Quadrilhas Juninas do Estado do Pará de 2018:

⁹ Dança Afro é uma dança ritmada no toque do atabaque, coreografada com movimentos de expressão corporal, inspirados nas tribos africanas que migraram para o Brasil. (LEAL, 2011, p. 64).

¹⁰ Macumba citada acima não se trata dos cultos sincréticos afro-brasileiros, e sim da dança deste culto religioso. (LEAL, 2011, p. 64).

4. DOS IMPEDIMENTOS

4.1. É expressamente proibido às Quadrilhas Juninas concorrentes:

f) Utilizar música não condizente com a época junina, tais como a lambada, o frevo, a axé music, as marchas e outros gêneros, sendo obrigatória a utilização dos gêneros quadrilha, forró e/ou galope, permitidas as variações e arranjos e ritmos, desde que não impliquem na descaracterizar desses gêneros; (PARÁ, 2018, p. 5).

Nesse momento começo a identificar a interferência que os concursos oficiais de Belém têm no fazer dessa manifestação, fatores externos às quadrilhas, porém intrínsecos ao movimento junino, interferem em suas criações, os grupos por sua vez passam a se adaptar aos regulamentos, pois a disputa nos arraiais são importantes, já que a possível vitória dá ao grupo notoriedade e visibilidade. Apesar de uma certa padronização, os grupos buscam se destacar com pesquisas de temas a serem defendidos pelas quadrilhas e coreografias mais elaboradas dentro do contexto junino. Vejo aí uma forma de manutenção de sua cultura, pois “[...] em primeiro lugar, uma aparente inovação pode mascarar a persistência da tradição” (BURKE, 2008, p. 39).

E essa persistência como veremos mais adiante vai perpassar por outros elementos da Espetacularidade da quadrilha chegando aos marcadores.

Vejo os concursos oficiais em nossa região como importantes, pois eles dão um lugar com uma boa estrutura para as quadrilhas juninas se apresentarem, possibilitando ao amante dessa manifestação também um lugar para assistir.

Antes da Fundação Cultural do Pará promover o Concurso Estadual de Quadrilhas, o Centur em parceria com a AQUANTO, promovia apenas uma Mostra Estadual de Quadrilha, Tetê Oliveira é a vice-presidente dessa associação, e sempre esteve à frente das atividades desde a sua fundação, e ao perguntá-la sobre há quanto tempo está envolvida com quadrilhas juninas ela me responde que já fazem quarenta e seis anos:

Eu comecei a me envolver em pássaro junino, meu pai era um folclorista né! um dramaturgo do pássaro junino, ele era compadre da Iracema Oliveira, e tinha o Teatro São Cristóvão, o extinto Teatro São Cristóvão, e aí eu via o mambo, que é a dança, eu achava belíssimo o balé, nos pássaros [...] mas eu achava que a dança não era só aquilo, e eu vi as quadrilhas passando, me chamava atenção, então eu ficava muito tocada com aquilo entendeu? [...] o meu pai ele foi compadre da Iracema Oliveira, do Paes Loureiro, então o meu pai ele era envolvido demais com isso, ele tinha uma habilidade de escrever [...] ele participava muito do teatro aqui, na Pedreira, no Guamá, no Telégrafo, que eram lugares que tinham público para aqueles espetáculos, mas o que me tocava eram as danças, eu era e sou apaixonada pela dança, quando eu via as quadrilhas passando, eu olhava e dizia são todos iguais, [...] eu dizia eu quero participar disso, eu achava interessante uma coisa que acontecia, eles aplaudiam quando os grupos passavam, existia o aplauso [...] e eu me envolvia com aquilo. (OLIVEIRA, 2019).

Em apenas um único dia conversei mais de três horas com a Tetê, ela me contou várias histórias do movimento junino, as transformações que aconteceram nos últimos quarenta anos em virtude do contato com outros grupos juninos, das inserções das companhias de danças nas quadrilhas juninas nas décadas de 80 e 90, e hoje Tetê por meio da AQUANTO auxilia as quadrilhas do Estado do Pará na participação dos concursos nacionais que acontecem em outros estados.

Nesta conversa Tetê me mostrou uma foto em que participou de um Simpósio Nacional Junino no Distrito Federal junto com o fundador da CONFREBAQ¹¹, Claudécir Martins atual campeão nacional como o melhor marcador do Brasil/2019:

Imagem 11 – Tetê e o Marcador campeão nacional 2019.



Fonte Acervo Pessoal.

2.1 Corpo de Jurados

O concurso da Fumbel e do Centur são os concursos mais importante para as quadrilhas de Belém, de acordo com Neves (2018): “*são os concursos mais importantes, são a Fumbel e o Centur, que é o que dá nome pra quadrilha e tal, então a gente queria vim, que a gente sabe que se a gente registrar o nosso nome bem aqui, não vai ser um ano perdido*”.

¹¹ Confederação Brasileira de Quadrilhas Juninas.

A vivência no Concurso Estadual de Quadrilhas também me proporcionou ser conhecido por alguns fazedores de cultura do Estado do Pará, possibilitando ser convidado para atuar como jurado de Concursos de Quadrilhas tanto na capital quanto nas cidades do interior, para mim um privilégio muito grande, pois iria poder assistir a todas as quadrilhas em um lugar privilegiado, pois os grupos juninos se apresentam para a mesa julgadora e para o público, e a mesa está posicionada para ver a quadrilha por inteiro na quadra.

Nessas experiências pelas cidades do interior, percebi que o fazer das quadrilhas juninas é muito diferente do que é apresentado em Belém, pelas quadrilhas tanto da cidade quanto da região metropolitana.

Mas apesar de fazer parte da organização do Concurso Estadual de Quadrilhas Juninas, e de ter participado como dançarino de uma quadrilha, a função de jurado era uma atividade nova, não compreendia qual era o seu papel: Quais eram suas bases para julgar as quadrilhas? Quais eram suas justificativas para escolherem as melhores? Quais eram os quesitos julgados? Mas antes de mais nada, Leal nos esclarece que:

Entre o universo particular da movimentação da quadrilha, aparece os concursos como referência dos brincantes para as apresentações, por reunirem os grupos de quadrilhas e um público fiel que acompanha os espetáculos durante um mês. Os eventos de quadrilhas, promovidos por instituições ou pessoas do bairro propiciam as mudanças [...] as criações coreográficas e incentivam a competição. (LEAL, 2004, p. 15-16).

A escolha da banca julgadora se dava conforme a aptidão de cada profissional convidado, nos é solicitado o envio do currículo artístico, ou um release de nossas atividades, como era envolvido com teatro e havia participado de diversos espetáculos os quais tiveram certa notoriedade na cidade de Belém, como o musical Hair Spray, o espetáculo Infantil Encantamentos, e as Leituras Dramatizadas do Vestibular como o Auto da Barca, Marília de Dirceu, Poemas de Fernando Pessoa por exemplo, resolveram que eu iria julgar o quesito marcador.

Atualmente, na Fundação Cultural de Belém a escolha dos jurados se dá por meio de um processo seletivo. É publicado um edital no qual os candidatos a jurados precisam passar por uma análise de currículo, prova de conhecimentos específicos do quesito a ser julgado e participação de um seminário onde se é colocado quais os critérios dentro do quesito devem ser avaliados pelos julgadores.

Enquanto que na Fundação Cultural do Pará essa escolha acontece apenas pela análise curricular. Com relação aos concursos do sujo e os concursos dos interiores essa seleção acontece por convite dos promotores do evento.

A partir da escolha do quesito que iria julgar, resolvi então ir por conta própria atrás de material que me explicasse o que são marcadores de quadrilhas juninas. Fiquei motivado em ir atrás de material escrito que discorresse sobre a função dos marcadores, infelizmente sem êxito, até mesmo os regulamentos dos concursos de quadrilhas não exemplificam quais os critérios adotados para tal julgamento.

A escassez de material me motivou a escrever um texto sobre os marcadores, como nesse período eu ainda possuía apenas escolaridade de nível médio, acreditei que poderia dissertar no trabalho de conclusão de curso da graduação, porém só consegui realizar este desejo na pós-graduação, nesta pesquisa de mestrado.

Após várias tentativas de busca de material sem êxito, resolvi procurar alguns amigos que já haviam julgado para me ajudarem nesse ofício de jurado, os quais me relataram que julgavam os marcadores seguindo os seguintes critérios: eles deveriam apresentar as quadrilhas para a mesa julgadora e para o público presente, comandar os dançarinos cantando¹² os passos tradicionais, como: grande roda; balancê; serrote; passeio na roça; caracol; túnel, etc., e apresentar algum personagem que podia ser engraçado ou não, então segui a orientação dos meus amigos e conforme ia ganhando experiência me sentia mais seguro para julgá-los.

Nesse meu primeiro contato com os marcadores nos concursos do interior que julguei, percebi que o fazer deles era diferenciado, nem todos os marcadores se direcionavam até a mesa dos jurados para apresentar a sua quadrilha nem cantar os passos tradicionais, era comum ver os marcadores na frente da quadrilha dançando todos os passos como se fosse um brincante do grupo, mas liderando o grupo. Muitas das vezes o marcador dançava de frente para mesa julgadora e não olhava para o grupo, dava o comando com um grito e erguendo um dos braços.

Outra experiência como jurado foi julgar o concurso do sujo, essas competições dão uma prévia do que será apresentado pelas quadrilhas juninas na quadra oficial¹³, são analisados os seguintes quesitos: Evolução, Marcador, Coreografia e Conjunto.

Entretanto, há uma curiosidade dentro desse evento, os trajes ainda não constituem critérios de julgamento, pois esses concursos se iniciam nos meses de março e abril, quando os grupos juninos ainda estão no processo de confecções de seus trajes oficiais, os quais são guardados em segredo até o momento das apresentações oficiais. Mas apesar do traje ainda não estar sendo julgado, os grupos juninos participam do sujo com os trajes dos anos anteriores:

¹² Termo usado pelos marcadores que se refere ao momento em que eles falam os nomes dos passos tradicionais.

¹³ Quadra oficial são os concursos promovidos pelas instituições culturais do Governo do Estado e da Prefeitura de Belém, que se iniciam no mês de junho.

Imagem 12 – Roceiros da Barão – concurso do sujo do Rancho.



Fonte: Acervo Pessoal.

Posso falar que outro momento de afeto na quadra, são as mesas julgadoras que participo, pois quase todas são compostas por amigos, como na imagem a seguir:

Imagem 13 – Banca de Jurados do Concurso do sujo da Tia Val, Belém. *Momento de aprendizagem e troca com os amados Valeria Spinelle, Wagner Lima e Mailson Soares.*



Fonte: Acervo Pessoal.

A mesa julgadora para mim é um momento de compartilhamento, pois aprendo cada vez mais com a vivência:

Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo. E realiza isto através de incorporar em diferentes instâncias de seus domínios pessoais de interações (muito

mais do que de "estocagem") *de e entre* afetos, sensações, sentidos e saberes, algo mais e mais desafiadoramente denso e profundo destes mesmos atributos. (BRANDÃO, 2002, p. 26).

E é com grande afeto que troquei muitas experiências, não somente com as quadrilhas juninas, mas também com queridos amigos que compartilham do mesmo enamoramento.

Em 31 julho de 2008 sou destrutado da Fundação Cultural do Pará, apesar de doloroso, esse desligamento me possibilitou atuar como jurado do Concurso Estadual de Quadrilha no ano seguinte, dividindo lugar com os mesmos amigos de outras mesas julgadoras:

Imagem 14 – Jurada Valéria.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem 15 – Olhar atento para a espetacularidade.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A participação nos concursos como jurado em Belém, me deu visibilidade no meio cultural junino, visibilidade é essencial para ser convidado a julgar no interior do Estado, como

ressalta Leal (2011, p. 64): "[...] os organizadores passaram a convidar pessoas do meio social, conhecedoras das particularidades desta dança popular". E como já estava há três anos trabalhando no Centur e atuando como jurado há uns dois anos, eis que para a minha surpresa sou convidado para julgar o Concurso Municipal de Soure, a cidade que tomou conta do meu imaginário na minha infância e adolescência, e com esse convite veio junto a possibilidade de conhecer as outras cidades que compõem o Arquipélago do Marajó, das doze cidades fui convidado para julgar quadrilha em cinco delas: Breves; Ponta de Pedras; Cachoeira do Arari; Salvaterra e Soure.

O ano de 2007 foi bastante movimentado para mim como jurado, viajei por todos esses municípios do Marajó, e pude perceber o quanto o imaginário daquele lugar reverberava no fazer artístico deles, alguns dos marcadores que se apresentaram trouxeram em seus corpos o movimento das águas, cito aqui a quadrilha Sensação Junina de Soure, que trouxe o marcador representando o Boto, uma famosa lenda da nossa região, onde ele transitava pela quadrilha todo de branco com o seu chapéu de palha cobrindo o rosto. Sua movimentação tinha o balançar das águas doces que cercam o arquipélago.

Imagem 16 – O Marcador Encantado.



Fonte: Acervo Pessoal.

Em alguns outros podíamos observar um corpo que se aproximava do fazer dos marcadores de Belém, aqui já começamos a observar “um jogo de uniformidade e diversidade” (LOUREIRO, 2005) que também pode ser entendido como parte dos comportamentos humanos

baseado na troca de conhecimentos na construção desse fazer gentrificado por suas matrizes estéticas (BIÃO, 2007).

Hoje percebo que a minha interpretação como jurado se aproxima do pensamento de Geertz (1989), o qual diz que temos a cultura, abrangente e mística, como uma teia sem fim, tecendo significados e orientando a existência humana, dando ao homem através de símbolos um sistema que interage com sua individualidade. Começo a compreender como o meu fazer artístico facilitou a interpretação e decodificação desses símbolos, passando pela fruição, que está inata a qualquer pessoa, mas que a vivência nas artes nos ajuda a compreender esse fazer.

Mas irei me ater a essa discussão mais à frente; é essencial primeiramente tentar compreender o lugar onde esses marcadores são essenciais, as quadrilhas juninas.

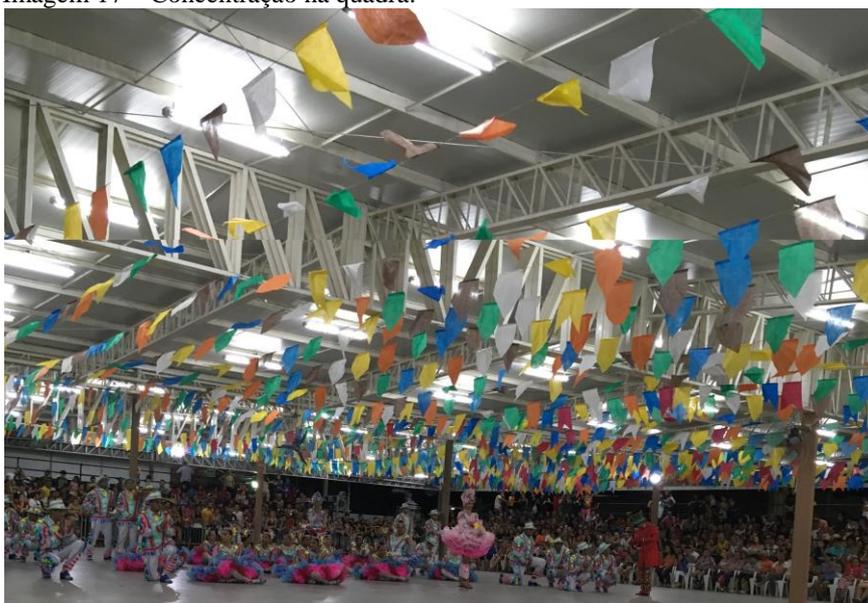
2.2 Quando chega São João tem que ter arrasta pé!

Mas, afinal, o que são quadrilhas juninas? Que manifestação que vem reinventando desde sua chegada ao Brasil? Que mobiliza centenas de pessoas meses antes para se agruparem e ensaiarem para apresentações? Disputarem uma premiação que não chega a reembolsar os investimentos em ensaios, trajes e deslocamentos para os concursos?

A partir de agora irei falar um pouco sobre as quadrilhas juninas, sua origem e algumas de suas transformações, pois acredito que a cultura, de modo geral, faz parte de uma realidade em que a mudança é um aspecto fundamental. Não podemos conter a mudança, o contato cultural existe.

Acredito que qualquer brasileiro olhando a imagem abaixo irá identificar apenas um grupo junino se preparando para dançar, mas para quem é quadrilheiro esse é o momento em que estamos nos preparando para dar o nosso melhor e a arrasar na apresentação:

Imagem 17 – Concentração na quadra.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Acredito na força que a imagem acima carrega, esses minutos que antecedem a apresentação da quadrilha são únicos para quem se considera quadrilheiro, é o momento que todos esperamos, foram meses de ensaio, a emoção toma conta, e ao mesmo tempo conseguimos sair do estado de corpo cotidiano para um estado de corpo alterado (BIÃO, 2007). No sentido dessa força que a imagem carrega, Sonia Rangel ao citar Bachelard nos fala que:

O conceito de imagem visto sob a ótica de Gaston Bachelard também se soma nesta direção; na Poética do Espaço ele afirma que "a imagem é um produto direto da imaginação, a vida da imagem está toda em sua fulgurância, no fato de que a imagem é uma superação de todos os dados da sensibilidade." Assim sendo, na sua formulação, a imaginação aparece "como uma potência maior da natureza humana." (BACHELARD, 1989, p. 16-18 apud RANGEL, 2009, p. 96).

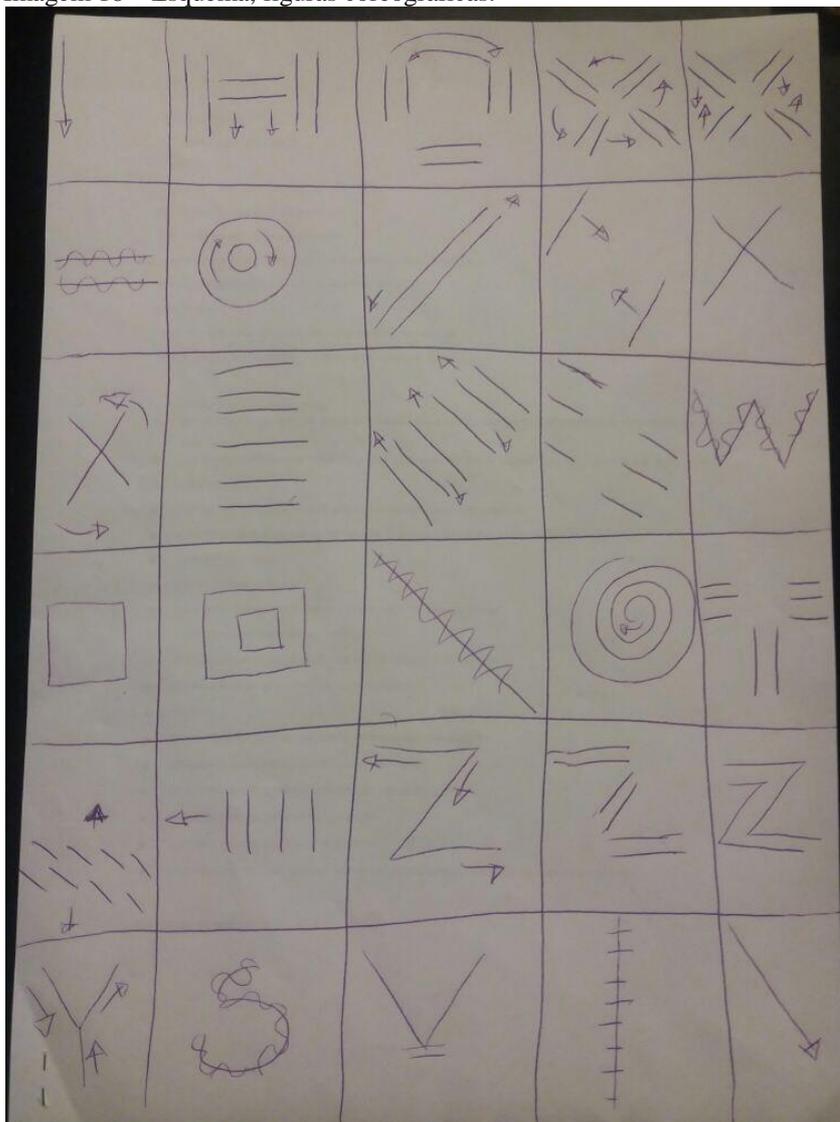
As quadrilhas juninas em Belém do Pará mobilizam um grande número de pessoas nas mais diversas atividades como: os figurinistas que elaboram os desenhos dos trajes a partir das pesquisas feitas conforme o tema que a quadrilha junina irá apresentar; as costureiras que produzem cerca de quarenta trajes juninos por quadrilha; os coreógrafos que elaboram as coreografias tanto dos grupos como das misses, entre outros profissionais informais, essa mobilização não se restringe ao calendário de festejos juninos, pois os ensaios estão começando cada vez mais cedo, em alguns casos nos meses de novembro e dezembro, os ensaios:

[...] que no começo servem mais como momentos para agregar antigos e novos componentes. Só a partir de janeiro, mais ou menos, é que as coreografias começam a ser montadas e sistematizadas. Antes disso, porém, a coordenação do grupo começa a se reunir para pensar o trabalho que será montado e apresentado durante os meses de junho e julho. (CASTRO, 2016, p. 12).

A quadrilha é uma dança de origem europeia que veio para o Brasil junto a seus colonizadores. Originalmente era uma dança nobre das cortes europeias, “[...] a princípio, eram quatro ou oito casais que se organizavam em duas filas, uma em frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado” (CHIANCA, 2007, p. 50).

As quadrilhas juninas com o passar dos anos foram deixando suas apresentações mais dinâmicas com passos e desenhos coreográficos cada vez mais elaborados, os marcadores das quadrilhas durante toda a sua apresentação precisam estar totalmente integrados a seus grupos, pois, com a complexidade das evoluções coreográficas, uma pequena distração pode levá-los ao erro. Na imagem a seguir, feita por uma jurada do quesito coreografia, podemos observar algumas dessas evoluções coreográficas, lembrando que cada grupo possui uma média de 20 pares.

Imagem 18 – Esquema, figuras coreográficas.



Fonte: Valéria Spinelli.

Podemos dizer que se entende por quadrilhas desde seu princípio uma dança realizada em manifestações de festividade e alegria. Sobre essa definição de quadrilha percebemos nas literaturas que ela é uma dança de longa existência, com registros seculares e em constante mudança, no entanto sua origem se dá nos bailes da corte europeia, assim tornando-se dança palaciana, dançada pela nobreza da época, a fim de manifestar o gosto da manifestação cultural dessa elite. As quadrilhas estavam presentes em salões ricos da corte, nas cidades e no campo. (CHIANCA, 2007).

A quadrilha junina é por sua natureza europeia, mas ao desembarcar em nossas terras latino-americanas, foi passando por transformações culturais, e assim como em todos, ou quase todos, os costumes brasileiros, a quadrilha foi agregando valores diversos, um hibridismo que transcende o significado da própria manifestação, pois cada parte do Brasil possui um modo de fazer diferenciado, em virtude dos vários fatores existentes em cada região do país. Fatores esses relacionados a *transculturação* (BIÃO, 2007), quando “o contato cultural passa a gerar novas formas de cultura”, que nessa manifestação em questão vem gerando um novo modo de fazer desde sua chegada ao Brasil.

A chegada da quadrilha no Brasil se deu por volta do século XIX com a vinda da família real portuguesa, fugindo da invasão dos franceses. E ao chegar no Brasil, essa dança preservou suas origens ligadas à nobreza, sendo disseminada em nosso território como uma grande atração da corte.

Eram apresentadas nos salões da corte do Rio de Janeiro e Salvador com a participação das grandes autoridades da época. Moraes Filho (2002, p. 189) relata que “[...] suas Majestades inauguravam o baile honrando a primeira quadrilha, e a *soirée* (noite – francês) desdobrava-se rápida e encantada, como o voo transparente de uma fada das regiões dos sonhos e das fantasias”.

Também um grande apreciador das quadrilhas era D. Pedro II, “no mês de agosto de 1852, numa festa por ocasião do encerramento dos trabalhos do Senado, D. Pedro II teria dançado pelo menos nove das dez quadrilhas propostas” (PINHO apud CHIANCA, 2007, p. 50). Outro ponto de destaque eram as pessoas que frequentavam os bailes reais permitindo que a quadrilha se popularizasse, e se adaptasse ao cenário do período colonial, que era rural. Logo, as danças de salão atingiram as classes menos abastadas que tomaram gosto pela diversão proporcionada pela prática. (CHIANCA, 2007).

Pessoa (2005, p. 23) relata também que “no período imperial esta europeização prosseguiu, mas com outros componentes populacionais”. Assim, originando o que hoje conhecemos como quadrilhas juninas. Denominação tipicamente brasileira.

Chianca (2007, p. 50) afirma que “Provavelmente nesse momento que a quadrilha teria sido abolida das festas dos cidadãos ricos, continuando a ser dançada pela população mais distante dos grandes centros urbanos”. Fato esse que demonstra a transição cultural da quadrilha, saindo da elite e migrando para o povo.

Menezes Neto (2015, p. 105) ressalta que “[...] nos anos que antecederam à República, a Quadrilha perdeu espaço nos bailes da elite brasileira e foi renovada pela coletividade no interior das cidades”. Neste sentido, nascem as quadrilhas juninas como uma manifestação cultural brasileira com uma relação direta com as identidades sociais que demarcam o país.

É neste contexto que a quadrilha junina no Brasil assume um caráter de Festa Junina, celebração que traz consigo os preceitos religiosos intimamente ligados as cerimônias do catolicismo das sociedades antigas europeias.

Assim, nas palavras de Pessoa (2005, p. 26) “[...] até se pode dizer que as festas juninas são tradicionalmente festas religiosas. É que, ao longo dos séculos, a Igreja Católica foi assumindo a maioria dos símbolos das festas juninas, inserindo neles a sua lógica organizativa e os seus valores religiosos e rituais”.

Neste sentido, que em todo território brasileiro, as festas juninas têm a característica religiosa dada pela forte identidade do catolicismo. No mês de junho, em todo o Brasil, as festas juninas são associadas aos santos católicos Santo Antônio, São João e São Pedro.

Segundo Amaral (1998), a homenagem a São João celebrado no dia 24 de mês junho, foi registrado como uma das primeiras festas da cultura popular no período colonial do nosso país. Cultura esta que é mantida até os dias de hoje, com muita dança das quadrilhas juninas.

A historicidade das quadrilhas juninas segue se transformando, é no século XX que o processo de urbanização das cidades brasileiras demonstra que há um grande número de pessoas saindo do campo rumo a cidade. Este fato contribui para o hibridismo da cultura das quadrilhas.

Neste processo de imigração, homens e mulheres traziam em suas bagagens saudades da vida rural (o cotidiano simples da vida no campo) e as quadrilhas, o modo de dançar e celebrar suas vitórias. É neste momento da história que percebemos que a dança de quadrilha deixa de ser palaciana e passa a ser a interpretação da vida do homem matuto, apresentando um estereótipo do brincante: pessoa simples de dentição precária e roupas remendadas, constituindo a quadrilha matuta que nos dias atuais é considerada tradição (CHIANCA, 2007).

No estado do Pará, cada região tem a sua maneira de interpretar a quadrilha junina, já tive a oportunidade de conhecer diversos municípios do Estado, como por exemplo o arquipélago do Marajó, uma região que é cercada por praias de águas doces e com um rico imaginário nas lendas amazônicas, que reverberam nas coreografias das miss e no bailado do

grupo junino, cito também a cidade de Abaetetuba, onde temos a chamada quadrilha temática, uma vez que além da dança da quadrilha, o grupo apresenta uma temática teatral, misturando dança e teatro durante toda a apresentação.

Há também em nossa região as quadrilhas ditas matutas, que apresentam uma dança cadenciada com um corpo geralmente tendenciado a corcunda, e as quadrilhas tradicionais que em sua apresentação nos prestigiam com um bailado próximo do balé, com corpos alinhados e pés em posição de meia ponta. O que esses grupos têm em comum e que me salientou o olhar, foi um personagem que está presente em todos os modos de fazer quadrilha, ele é o senhor regente do espetáculo, é a voz de comando do grupo, é quem decide quando começa e finaliza a apresentação, esse é o marcador.

3 CORPO-MARCADO: A ESPETACULARIDADE DOS MARCADORES

Veio da maravilha, do mel da jandaira, cheiro a flor de mangueira, veio da maraponga, pitanga, milonga, milingua de sol e de denço. Pra mim no final dessa praia, sa-sacode a barra da saia.

Imagem 19 – Que entrem os senhores marcadores.



Fonte: Arquivo Pessoal. Foto Diogo Vianna.

3.1 O Marcador de Quadrilha

Os marcadores estão inseridos na manifestação cultural quadrilha junina e desenvolvem uma função muito importante no grupo. Eles são responsáveis por organizar a quadrilha no espaço cênico, apresentar os brincantes ao corpo de jurados e durante toda a apresentação regem a quadrilha cantando os passos tradicionais a serem apresentados por ela, tudo isso no tempo determinado pelo concurso ao qual estejam participando, geralmente vinte minutos. Compreendendo a Etnocenologia como a etnociência na qual podemos dar voz aos fazedores da cultura popular, busco me apoiar em autores como Armindo Bião, que em um de seus escritos discorre sobre Espetacularidade (2007), na qual "se percebe a organização de ações e do espaço em função de se atrair e prender a atenção e olhar de parte das pessoas envolvidas", ação por mim percebida nos corpos dos marcadores, compreendo também que tanto os seus *estados de corpo e de consciência* (BIÃO, 2007) se demonstram alterados no decorrer de suas apresentações. Corroboro também com Santa Brígida (2007), pois para que eu possa ter esse

olhar, preciso mergulhar nesse fenômeno como *artista-pesquisador-participante*, e acionando Palheta (2016) invoco e valorizo como pesquisador as experiências pessoais, os trajetões, as trajetórias, as emoções em convocações, ações e reverberâncias reveladoras para o êxito dessa pesquisa. Para isso busquei tanto o discurso dos marcadores como dos participantes desse folguedo, como contribuições na busca de compreender suas práticas.

Ao acionar a Etnocenologia como base para este estudo, percebo que tinha um olhar equivocado a respeito dos marcadores de quadrilha junina, pois os colocava em uma forma quadrada ao confundir sua atuação cênica com a do performer. Conceito muito bem explorado por Schechner (2006, p. 2), o qual em seus estudos propõe que a performance seja entendida como um processo que ele definiu como “comportamento restaurado”. E que Eugenio Barba (1994, p. 23) expõe como um estudo sobre a pré-expressividade e a define como “o estudo do comportamento cênico pré-expressivo que está na base de diferentes gêneros, estilos, papéis e das tradições pessoais ou coletivas”. Barba e Savarese nos falam também que:

Há alguns atores que atraem o espectador com uma energia elementar que “seduz” sem mediação. Isso ocorre antes que o espectador tenha decifrado ações individuais ou entendido seus significados. [...] Com frequência chamamos esta força do ator de “presença” (BARBA; SAVARESE, 1995, p. 54).

Durante a formulação do projeto para o ingresso no programa de pós-graduação em artes, cheguei a corroborar com tais ideias, mas no decorrer dos estudos percebi que esse não era o caminho que pretendia percorrer. Não estou aqui para definir o que é certo ou errado, porém emoldurar os marcadores como performer não me parece correto, pois iria manter uma postura etnocêntrica, então escolhi me manter na direção da Etnocenologia a qual nos aponta caminhos diferenciados, nos quais passamos por princípios mais flexíveis, observando “o caminho através do qual”, acolhendo os saberes dos fenômenos vivenciados, pois quem melhor para se definir e definir o seu fazer que os próprios feitores? Os marcadores possuem uma qualidade de atrair e seduzir o olhar do público e dos jurados, mas como marcadores que são, com sua prática espetacular. Pois tanto o público presente quanto os jurados dos concursos estão indo assistir ao espetáculo da quadrilha junina e o desenvolvimento de seus marcadores.

No caminho percorrido na busca da compreensão dessa Espetacularidade dos marcadores de quadrilhas juninas de Belém do Pará, me lancei na quadra junina nos anos de 2018 e 2019, acompanhei os marcadores já citados e fui atravessado também pelas pessoas que estão no movimento junino e que contribuíram muito com esse trabalho.

Nesta trajetória me deparei com vários modos de fazer dos marcadores, o marcar quadrilhas passou por várias transformações, porém não encontrei documentos oficiais que

discorressem sobre tal assunto, e tendo como pilar desse trabalho a Etnocologia, primei pela oralidade dos feitores e da minha experiência e vivência na quadra junina, e uma dessas pessoas que atuam no São João se chama Tetê Oliveira que é a vice-presidente da AQUANTO, em um dos nossos encontros ela me relatou que nas década de 1970 e 1980 o marcador de quadrilhas já possuía um papel muito importante, pois ele interagia diretamente com o público presente e a quadrilha, eles usavam vários adornos, como cajado, bengala, entre outros. Possuíam uma liberdade de atuação muito grande.

Ela salientou que durante os famosos arraiás de rua os marcadores cantavam os passos tradicionais em voz alta, *“anarriê; damas cumprimentam os cavalheiros, caminhos na roça”*, mas como a presença do público era cada vez maior, houve a necessidade da utilização de microfones e apitos. Quando perguntei como era que eles se apresentavam nesse período ela relatou que:

Tinha o apito, tinha, né, o microfone, já tinha, sempre teve o microfone, eles deixaram de existir quando veio a fumbel, [...] eles vinham com uma mala, eles vinham com um pau aqui que amarravam as redes, os canecos pendurados, ele era um retirante que chegava pra trazer o povo pra dançar e animar a festa, essa era a missão do marcador e era o sentido da essência da quadrilha, ela saiu do salão para os terreiros, ela tinha essa essência, esse compromisso na festa quando entrava. (OLIVEIRA, 2019).

Com base nesse relato podemos dizer que a atuação dos marcadores foi sempre muito marcante, porém esse fazer sofre uma rasgadura no final da década de 80 e início de 1990 com a criação da Fundação Cultural do Município de Belém – Fumbel, quando foi instituído o primeiro concurso chamado oficial para as quadrilhas e com ele a criação de um regulamento, onde o marcador foi proibido de usar tais adornos, limitando bastante a sua atuação durante as apresentações. O figurino do marcador, assim como o das miss, poderia estar diferente da quadrilha, mas Tetê nos disse que o marcador *“passa a ser então apenas uma figura que está ali para avisar a quadrilha o momento em que eles começam a se apresentar, os passos que eles precisam fazer em tal momento da música e a hora da despedida, e de ir embora, sair de cena, ele perdeu a comunicação da quadrilha com o público”*.

Essa era a realidade de marcador que eu conhecia, pois nos anos em que eu acompanhei a quadrilha Esperança Junina, 1993 a 1996, não via nada de muito especial no marcador além da grande importância que ele tinha para o grupo, todos o respeitavam e prestavam bastante atenção no seu comando e nas chamadas de atenção. O marcador era um componente que se comunicava apenas com a quadrilha, dando os comandos dos passos a serem apresentados pelo grupo, sem nenhum tipo de caracterização, sendo que esse papel geralmente era exercido pelo

dono da quadrilha, pois, em minha opinião, não era um lugar de destaque, então acredito que também não se tornava um lugar de desejo de atuação, por parte dos brincantes.

Porém ao entrar em contato com o marcador Rai, ele me explicou que começou a marcar quadrilhas em 1996, sua primeira quadrilha foi Os Caipiras do Guamá, e que ele sempre teve muita liberdade em sua apresentação. Durante os anos de 1996 a 2000 fui morar em Santo Antônio do Tauá, o que me afastou do movimento junino, somente ao retornar a Belém voltei a ter contato com o movimento junino. Atuando na Fundação Cultural do Pará, me deparei com um marcador mais diferenciado, percebi rapazes mais jovens atuando como marcadores, o marcador já se direciona aos jurados para informá-los quais os passos coreográficos a quadrilha iria apresentar. Sei que a prática de se direcionar aos jurados é regra dos concursos desde a década de 90, mas como atuei apenas como espectador-brincante esse era um ponto desconhecido por mim.

Nesse período que estive fora da quadra ocorreram mudanças nesse fazer, pois ao me reencontrar com esse movimento no ano de 2004 pude identificar uma mudança corporal por parte dos marcadores, pois alguns se apresentam de maneiras cômicas, com movimentações maiores, seus corpos estavam mais dilatados e havia também alguns marcadores que representavam alguns personagens populares como podemos observar, na imagem abaixo, o Rai no ano de 2009 marcando a quadrilha junina Buscapé, ele estava vestido de Jeca-gay, um personagem retirado de um programa de televisão, bem popular nesse período:

Imagem 20 – Personagem Jeca-gay.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ele comanda a quadrilha com gestos fortes e ao mesmo tempo anima o público das arquibancadas, o Rai é um marcador que se movimenta por toda a quadra, como nesse período não era permitido a utilização de nenhum equipamento para a projeção de voz, a apresentação de alguns marcadores ficava sempre muito marcada próximo a bancada dos jurados, exatamente à frente da quadrilha, pois eles precisavam informar aos jurados quais seriam os passos e coreografias que os grupos iriam apresentar no decorrer do concurso. O que observamos no Rai e em alguns marcadores foi uma dinâmica triangulada, pois eles conseguem ao mesmo tempo, se comunicar com os jurados, animar o público e manter a sua atenção no grupo.

Cada marcador se apresenta com a sua prática particular, me arrisco a afirmar que nenhum marcador é igual ao outro. Pois são corpos diferenciados, vivências únicas e específicas de cada um, há alguns que se comportam de maneira mais introspectiva e outros mais enérgicos e prolixos.

Como podemos ver até aqui, os marcadores foram passando por várias transformações, os fatores externos e até alheios a eles interferiram no seu fazer e em suas criações, coloco o meu ponto de vista como espectador-participante-jurado, pois minhas justificativas também interferem nos seus modos de fazer. Além das interferências no que se é exigido pelo regulamento dos concursos oficiais de natureza local, e o que eu estou percebendo atualmente, de natureza nacional.

Ao conversar com os colegas que também atuaram como jurados de marcadores de quadrilhas, escutei as seguintes falas:

Fala 01: *“amigo, tu viu a doídice que estão esses marcadores? Mano o cara não sabe usar o microfone, não estava vendo a hora de mandar ele calar a boca”*.

Fala 02: *“nossa meu amigo, como ficou diferente essa apresentação, muito barulho, a gente perdeu a beleza de contemplar a quadrilha e esperar as surpresas das coreografias que irão surgir, ficou sujo, perdeu a graça, cadê a tradição?”*¹⁴

Bem, “a ideia de cultura implica na ideia de tradição” (BURKE, 2008) e o que podemos afirmar é que a cultura é híbrida, mutável, agregadora de novos valores, se adaptando ao novo tempo, e as novas exigências, corroboro com a ideia de Burke quando ele nos fala que “uma aparente inovação pode mascarar a persistência da tradição”, uma vez que o marcador vai utilizar o subterfúgio da adequação e agregação de novas tecnologias para se manter entre os melhores.

¹⁴ Informação obtida através de conversa. Optou-se por deixar as falas em modo anônimo para que os respectivos jurados não sofram represália devido a essas críticas.

Mas até onde será que ele consegue manter a sua qualidade de marcador? Meu questionamento parte da minha vivência no ano de 2018, como foi dito acima já estava há bastante tempo afastado da quadra junina, e ao acompanhar o marcador Rai, percebi que o seu fazer havia mudado, ele perdeu muito do seu dinamismo durante a apresentação. Acredito que a utilização do microfone pode ter sido um dos fatores que ocasionou esse fato, pois ao utilizar essa tecnologia o cuidado com a respiração precisa ser maior.

No ano de 2019 atuei como jurado do concurso de quadrilhas, promovido pelo Parque Shopping, localizado na Rodovia Augusto Montenegro, estava justamente julgando o quesito do Marcador, o que eu pude perceber durante o concurso foi que em virtude da utilização de microfones o marcador volta a ser uma figura de destaque que anima a quadrilha e o público ao mesmo tempo em que se relaciona com os jurados.

Segundo o regulamento desse concurso a utilização do microfone fica a critério de cada marcador, em consequência do uso facultativo dois marcadores resolveram não utilizar, o que me inquietou como jurado, como os primeiros marcadores se apresentaram com o microfone, e utilizaram-no de maneira muito satisfatória, o surgimento de dois marcadores que não deram esse passo à frente me provocou um questionamento com relação a manutenção da tradição, ao hibridismo cultural, e a um termo que foi muito utilizado há uns dez anos atrás que é o resgate.

A não utilização do microfone fez com que as suas apresentações parecessem frias, não consegui compreender o que eles tentavam me dizer todas as vezes em que se aproximavam da bancada dos jurados, percebo então que minha nota com relação àquela apresentação não foi satisfatória, e em minha justificativa informei a eles que passassem a usar o equipamento, pois não consegui compreender suas falas no decorrer da apresentação. Com isso percebo que acabo interferindo naquele modo de fazer.

A utilização do microfone nas apresentações modifica a triangulação marcador-público, marcador-quadrilha e marcador-jurados. Meu olhar como jurado se modificou, pois passei a exigir uma fala muito mais dinâmica, muito mais poética, e com mais coerência, tanto ao tema defendido pelo grupo, como a sua apresentação. Então saber como impostar a voz no microfone, para mim, também virou critério de avaliação, o que me fez exigir deles um texto mais elaborado, sua relação com o grupo e com a plateia ficou mais evidente. Podemos observar na imagem abaixo a utilização do microfone feita pelo marcador durante o concurso:

Imagem 21 – Concurso Parque Shopping.



Fonte: Acervo Pessoal.

Ao perceber essa mudança me direciono aos concursos oficiais promovidos pelo Centur e Fumbel em busca de uma justificativa para a utilização do equipamento, a partir de quando essa utilização se tornou obrigatória ou não.

Ao me direcionar a Fundação Cultural do Pará, tenho uma breve conversa com a Assistente Cultural questionando a respeito do aparecimento desse equipamento, a qual me responde que o microfone é facultativo e que ela não sabe ao certo quando eles começaram a usar. Essa mudança com relação a usar microfones durante a apresentação tem início na Fumbel a partir do ano de 2015, essa mudança modificou a postura dos marcadores e a sua atuação em cena, passaram a ser mais exigidos.

O esforço de conhecer o fazer dos marcadores de quadrilhas juninas em Belém do Pará, passa pelo desafio de compreendê-los a partir do meu olhar, compreender o discurso ao seu em torno, bem como o seu próprio interior. Suas práticas expressam sentidos próprios de comportamento e envolvimento aos grupos pertencentes.

3.2 Espetacularidade Marcadora

No ano de 2018 dentre o grande leque de marcadores decidi que iria acompanhar apenas três, a escolha deles se deu de maneira fluida, o primeiro que escolhi foi o Rai, que é um marcador que tem experiência de marcar várias quadrilhas desde o ano de 1996, mas como ele

mesmo fala “*não tenho amor a nenhuma quadrilha, tenho amor ao meu trabalho de marcador*”, para mim uma declaração de uma força muito grande e que contrapõe com o Edson Neves, segundo marcador escolhido, que está na mesma quadrilha, Rosa Vermelha, há 26 anos e que me relata que “*somente o amor que ele tem pela quadrilha é capaz de me fazer perder noites de sono e dar o sangue na hora da apresentação*”. O terceiro foi o Anderson do Rosário que já passou por diversas quadrilhas, assim como o Rai, mas que manteve um grande afeto por todas as quadrilhas que passou.

O primeiro marcador que fui visitar foi o Edson Neves da quadrilha junina Rosa Vermelha. A quadrilha Rosa Vermelha é do bairro da Terra Firme, periferia de Belém, e que tem a fama de ser um dos bairros mais violentos da cidade, esse fato é confirmado pelo Edson que me declara que o grupo enfrentou uma grande dificuldade nos ensaios em virtude do alto índice de violência, segundo Edson:

A gente enfrentou muitos problemas esse ano porque a gente começou com antecedência, no tempo ideal, porém teve aquela onda de violência na cidade, lembra? E como a gente tava num dos bairros que foram mais atingidos que é a Terra Firme a gente teve que parar três semanas, não tinha ensaio, teve toque de recolher, no grupo de whatsapp, olha hoje não vai sair que vai ter matança não sei o que, aí as atividades nos finais de semana, nossos eventos, muitos dos nossos eventos foram cancelados, quebrou muito, aí ficamos três semanas sem ensaiar e isso tá se refletindo agora, que a gente ia terminar com mais tempo, a gente ia ter mais tempo pra passar a coreografia, pra limpar, aí isso gerou uma certa, agora que a quadrilha tá engrenando legal entendeu? (NEVES, 2018).

Esse depoimento do Edson corrobora com a sensação de insegurança que senti ao me direcionar para os ensaios. Essa questão de insegurança movida por uma ação de bandidos altamente armados em carros pratas e pretos atacando os bairros periféricos de Belém se perpetuou também para o ano de 2019.

Os ensaios da quadrilha Rosa Vermelha iniciaram no mês de janeiro de 2018 e aconteciam a partir das 22h na quadra São Domingos na rua de mesmo nome, sem número. No dia 28 de março me direcionei para os ensaios da quadrilha Rosa Vermelha, confesso que pensei diversas vezes durante o percurso em voltar, cheguei na quadra às 23h, e a quadrilha já havia iniciado os ensaios, me deparei com o Edson passando a coreografia para o grupo.

A coreografia da quadrilha é passada por três componentes do grupo e um deles é o Edson, o marcador, como podemos ver na imagem a seguir:

Imagem 22 – Pesquisa de Campo. Ensaio.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Antes de me aproximar do marcador conversei primeiramente com Jorge Leão, presidente da quadrilha Rosa Vermelha, e ao perguntar sobre a função do Edson na quadrilha o mesmo me disse que:

O Edson além de ser o coreógrafo ele é o marcador, ele tá marcando desde 2011, ele é marcador, e a parte das coreografias eles que montam, antes só era o Edson, aí depois o Edson foi instituindo os menino, aí ele foi ajudando eles a fazer coreografia, até por conta do trabalho dele que ele não tinha muito mais tempo, aí eles foi inserindo, hoje agora esse ano principalmente o menino lá da camisa do Vasco que tá passando a coreografia direto, ensinando, mas é o Edson, o Rodriguinho e o Luis Fernando, são eles que se reuni né, dias antes ou final de semana e vão criando a coreografia, pra eles não esquecerem eles gravam tudinho aí depois eles vêm repassar pros brincantes, o problema é eu aí surgem muitas dúvidas, só quando o Edson tá que ele, como é tipo assim dá pra tu perceber, ele tem toda a autoridade possível aí, então eles respeitam muito ele entendeu? Já quando o Edson não tá, esse mesmo grupo ele já não tem esse mesmo comportamento no ensaio, aí eles se comportam se eu me meter também, aí eles se comportam, eles ficam na brincadeira, não ficam prestando muita atenção, só que até que tenho percebido agora nesses últimos ensaios, que eles tomaram consciência que, que eles não podem é só esperar pelo Edson, se esperar a quadrilha não sai, eles não aprendem. Quando o Edson tá o comportamento deles é completamente diferente, a quadrilha ela flui sabe? Dá pra perceber, o Rodriguinho já tem uma empatia legal com ele, tem um método diferente de ensinar, de que o Edson, ele é mais tranquilo, ele faz, até porque ele ainda não tirou aquela coisa que ele é brincante, o Edson não, o Edson já não tem mais, dá pra ti perceber que o Edson já não tem mais aquela coisa eu sou brincante, eu sou o marcador e acabou-se, entendeu? O Rodriguinho ainda se sente brincante, o Rodriguinho ele briga pela vaga dele, ele vem me cobrando todo esses dias que ele quer o lugar dele, porque tem muito mais homem, aí quer dizer que todo mundo tem seu espaço e ele tá sem espaço, ele não tem seu lugar ainda, aí eu disse pra ele, eu acho engraçado você o Edson e o Luis Fernando. (LEÃO, 2018).

Na imagem a seguir podemos observar Edson Neves, um brincante e o presidente da quadrilha Jorge Leão:

Imagem 23 – Preparação para o concurso da Fumbel 2018.



Fonte: Acervo Pessoal. Foto: Romulo Sousa Estevam.

E ao acompanhar os ensaios pude constatar que a ausência do Edson causava uma dispersão por parte de alguns brincantes, seus corpos, a prontidão, o alongamento dos corpos dos brincantes durante os ensaios não eram os mesmos.

Durante as segundas e terças Edson atua como professor no município de São Francisco do Pará e nas quintas e sextas-feiras, ele leciona no município do Acará/PA, o que faz com que ele esteja presente nos ensaios apenas nas quartas, no sábado e no domingo. Ao questioná-lo o porquê de ser marcador, ele me respondeu: “*Todo o ano, metade do ano é dedicado a quadrilha, eu só vivo meio ano, aí piscou já virei o ano já tô de novo [...] é loucura, só o verdadeiro amor que explica*” (NEVES, 2018).

O Edson é responsável por quase tudo da quadrilha, desde a pesquisa do tema que o grupo irá apresentar naquele ano, passando pela criação dos trajés, sendo que ele não os desenha, mas está de perto acompanhando a criação do desenho, colocando o seu ponto de vista durante o processo. Além de estar sempre indo a costureira ver o acabamento dos figurinos, participa também da elaboração da coreografia junto a mais dois coreógrafos, os quais também são brincantes da quadrilha.

Depois do primeiro dia de ensaio perdi o medo e passei a frequentar mais vezes a quadrilha Rosa Vermelha, e foi maravilhoso, experienciar o afeto dos brincantes com o Edson rasgou meu corpo em emoções, ver como o grupo também reage a sua liderança, se mostrando sempre atento e concentrado com a sua presença, reverbera as minhas vivências na quadrilha Esperança Junina reafirmando a importância que o marcador tem para essa manifestação, ele é o regente do espetáculo. Edson nos fala que:

A responsabilidade é grande, não posso deixar a peteca cair, e as pessoas também esperam muito, os brincantes, porque eu tenho que passar toda essa energia pra eles, eu tenho que ser o primeiro a demonstrar segurança, que a gente vai enfrentar o público, a gente vai enfrentar um corpo de jurados, então eu preciso, eles têm que ter essa referência, entendeu? Em alguns grupos essa referência não é o marcador, as vezes é um brincante, é um presidente, entendeu? Então, eu puxo isso pra mim, tem que puxar, todo mundo espera muito de mim, eu daqui a pouco eu vou chamar todo mundo a gente vai fazer uma oração, a gente vai conversar, aí como eu que entro primeiro, eu que organizo a quadrilha, eu que vou apresentar, antes porque antes tem a minha fala, e se eles sentirem que eu estou firme eles vão na minha onda, entendeste? Eu sou meia quadrilha, meia quadrilha não sou um marcador, eu sou cria da quadrilha, eu estou há 26 anos na quadrilha. (NEVES, 2018).

Segundo os estudos da Etnocologia conseguimos perceber na fala do Edson o momento em que começa a se construir sua Espetacularidade, nesse corpo que se afeta com os preparativos para a entrada no concurso e a sua consciência que seu corpo afeta e produz mudanças nos corpos dos que lhe observam, seja na plateia, no corpo dos jurados e em sua quadrilha. Seu corpo se modifica de um corpo cotidiano para um corpo espetacular.

Em 2018 a quadrilha junina Rosa Vermelha trouxe como tema "As músicas que embalam o São João", e o personagem que o Edson vem representando é o sanfoneiro, o qual embala as noites de São João. Como podemos observar na imagem abaixo de Edson durante a concentração no concurso promovido pela Fundação Cultural de Belém:

Imagem 24 – Sanfoneiro Marcador.



Fonte: Acervo Pessoal. Foto: Romulo Sousa Estevam.

Enquanto estávamos na concentração o Edson me relatou que eles tiveram muitos problemas com a entrega da roupa, pois a costureira responsável entregou em cima da hora, e eles não tiveram tempo de verificar o acabamento do traje, porém era perceptível que não estava da maneira que eles gostariam. Percebi que esse fato lhe deixou com um ar de preocupação quase que imperceptível, pois ele se sente responsável por todo o grupo, e não quer deixar transparecer para que a quadrilha não se desarmonize e tenha êxito em sua apresentação, mas durante a nossa conversa ele fez questão que eu registrasse o traje do grupo, como podemos observar nas duas imagens a seguir:

Imagem 25 – Detalhes do traje da Rosa Vermelha.



Fonte: Acervo Pessoal. Foto: Romulo S. Estevam.

Imagem 26 – Bastidores Fumbel. Rosa Vermelha.



Fonte: Acervo Pessoal. Foto: Romulo S. Estevam.

Durante as noites em que me lancei atrás das quadrilhas, fiz esse percurso sozinho, mas em vários momentos estive acompanhado de um grande amigo, o Prof. Ms. Claudio Didimano, que também é um amante da cultura popular e pesquisador das Práticas e Comportamentos

Humanos Espetaculares Organizados – PCHEO (BIÃO, 2007). Didimano foi uma companhia muito importante, pois ganhei muitas contribuições durante nossos encontros:

Imagem 27 – Bastidores da Pesquisa. Encontros nos ensaios.



Foto: Acervo Pessoal. Foto: Romulo Sousa Estevam.

Como um grande apaixonado que sou pela quadra junina, escolher quais marcadores iria eleger para seguir de perto e vivenciar seus processos criativos na busca de sua espetacularidade, não seria uma escolha fácil para mim, então deixei que essa escolha acontecesse naturalmente, e durante uma saída com o Claudio Didimano passamos pela frente da Escola Paes de Carvalho localizada na Praça da Bandeira, bairro do Comércio em Belém, e nos deparamos com a quadrilha Reino de São João, logo na chegada Didimano encontra uma amiga que é a dona da Quadrilha conhecida como Jose Pavalova.

Fomos recebidos com uma atenção toda especial e como eles já se conheciam minha aproximação se deu da forma mais natural possível. Apesar de ensaiar na Praça da Bandeira, no bairro do Comércio, como podemos ver na imagem a seguir, eles representam o bairro do Guamá, por causa de sua fundação:

Imagem 28 – Ensaio da Reino.



Fonte: Acervo Pessoal. Foto: Romulo Sousa Estevam.

A Reino de São João ensaiava de terça a sábado, iniciando sempre às 20h com o término entre 22h e 23h, acompanhei os ensaios primeiramente sem me identificar a todos os componentes do grupo, me direcionava especificamente ao marcador e a Pavalova, e duas a três vezes por semana estava lá acompanhando os ensaios, sempre evitei um contato muito próximo com os outros brincantes, pois como a rivalidade entre as quadrilhas de Belém é muito acirrada e sabia que iria continuar atuando como jurado nos anos seguintes, gostaria de passar o mais imperceptível possível, mas o contato no flagra da filmagem e o afeto foram inevitáveis.

Dois atitudes me surpreenderam, a primeira não se deu de maneira muito agradável, pois durante eu estar acompanhando os ensaios, estava gravando áudios, tirando fotos e registrando vídeos, em uma das gravações a dançarina de anágua azul percebe que estou filmando e para de ensaiar vindo em minha direção e chamando a atenção da Pavalova para o meu ato:

Imagem 29 – Rivalidades juninas, o segredo da dança.



Fonte: Acervo Pessoal.

Como já estava acompanhando os ensaios a vários dias fiquei bastante despreocupado em relação de estar filmando os ensaios, no momento do flagra da dançarina fiquei bastante desconcertado, mas a situação foi contornada pela Pavalova.

Outra situação que me deixou bastante surpreso, foi de afeto, se deu pela aproximação repentina de um dançarino, a chave que está em minhas mãos na imagem é de um dos brincantes que chegou atrasado para o ensaio e somente a lançou em minha direção, considerei isso como boas-vindas:

Imagem 30 – Ritual de Boas-Vindas.



Fonte: Acervo Pessoal. Foto: Romulo Sousa Estevam.

Esses atos me fizeram perceber que a disputa entre os grupos ainda são uma realidade e que a relação de afeto e acolhida continua a mesma que senti quando me aproximei pela primeira vez da quadrilha Esperança Junina. Pode não significar muito a outras pessoas, mas para mim se tratou de um ritual de acolhida. Essa acolhida se deu primeiramente por parte da Jose Pavalova, uma pessoa que está sempre com um sorriso estampado no rosto e recebendo a todos com muito afeto e em seguida por todos da quadrilha:

Imagem 31 – Sorrisos e Afetos Juninos.



Fonte: Instagram @jpavalova

Antes de me aproximar e identificar quem era o marcador do grupo, observei nos ensaios que a voz de comando era uma dançarina que ficava na primeira fila, identifiquei um rapaz que passava a coreografia e um outro que transitava entre os brincantes durante os ensaios, estranhei no primeiro momento, cheguei a pensar que o marcador não estava presente, então me aproximei da Pavalova e resolvi perguntar quem era o marcador do grupo, ela me apontou ele e eu perguntei como foi que se deu a escolha dele, ela me respondeu que:

Menino eu troquei de marcador porque o que ia ser o marcador me deu um furo, que eu vou te contar, esse ano já ia ser o terceiro ano que ele ia marcar a minha quadrilha, a gente marcou tudo ele veio da Mensageiros, só que lá ofereceram dinheiro pra ele, só que ele já tinha acertado tudo com a gente, a gente já tinha soltado nota e tudo, aí ele foi e nem chegou com a gente e falou nada, quando a gente viu ele tava lá, aí meteram o dedo no meu cú, porque assim eu sou bacana, não mexo com ninguém, mas não vem palhaçar com a minha cara não, que o demônio entra, porque eu gosto das minhas coisas todas certinhas, entendeu? Não custava nada ele chegar e falar, né Didima? Olha não deu, não quero, poxa me ofereceram lá um aquê, porque na verdade a gente também pagava ele, só que dependia de quanto ele ganharia, entendeu? De cada premiação. A gente preparou ele todinho, estudava dava os textos, fazia curso de interpretação, pagava os cursos pra ele. Acabou que investiu né, um determinado tempo e tudo, e aí ele simplesmente pegou mais a manha ainda e foi, nesse mesmo dia que eu tive certeza, que eu tenho uma grande irmã na Mensageiros, que ele me ligou e disse Jose é verdade, aí foi chegando os prints, parece assim uma coisa. Esse menino sempre foi apaixonado pela minha quadrilha, ele já marcou várias

quadrilhas, uma de Icoaraci que é a Impacto se eu não me engano lá de Icoaraci, Impacto Junino, uma bonita, e marcou também a do Luan, que ensaia lá em São Brás a Romance Matuto, ano passado ele veio de chapeleiro maluco, apareceu até no Ê do Pará, eu gostei, me chamou a atenção porque ele se caracterizou todo, entendeu? Eu gostei dele marcando, e aí nesse mesmo dia ele mandou um recado no face, a gente publicou alguma coisa de manhã, ele comentou, poxa que quadrilha linda essa, é o meu sonho, é marcar a Reino e tudo, infelizmente esse ano não vou dançar, não sei o que. Menino quando me mandaram um print. Pega o telefone dele agora. Vra! Liguei pra ele: Oi tudo bem sou a Pavalova, ooi tudo bem, meu filho você pode vim na minha casa agora, sete e meia da noite. Ele: posso, onde é? Dei o endereço tudinho, umas nove horas ele tava lá em casa, fechamos tudinho, vai se bancar todo, que a gente bancava o outro de tudo, vai se bancar todo, vai pagar os concursos dele. Assim de viagem, né porque quando a gente viaja ele não pagava, o marcador não paga, e o melhor ele vai bancar toda a roupa dele que é caríssima, entendeu. (PAVALOVA, 2018).

A quadrilha Reino de São João possui três diretores e um deles é a Jose Pavalova, ela é a pessoa que toma a frente da quadrilha para resolver questão de aluguel de ônibus para disputar os concursos, acompanha de perto a criação do traje e está presente em quase todos os ensaios, Pavalova nos relata que o investimento financeiro em sua quadrilha é muito alto:

Isso aqui é pra quem ama, não é pra quem quer [...] é caro dançar quadrilha amigo, é muito caro, caríssimo, ano passado nós orçamos a quadrilha em noventa e dois mil reais, eu sou uma doida, esse ano a roupa tá muito mais cara, tô te falando, eu já coloquei do meu dinheiro seis mil (PAVALOVA, 2018).

Podemos perceber na fala da Jose que o investimento na quadrilha junina é alto, e parte desse investimento é direcionado ao marcador da sua quadrilha, com a participação do mesmo em cursos de teatro, jogo de cena e até mesmo voz e dicção para a utilização dos microfones, hoje uma exigência do concurso da Fumbel, essa preparação para a cena é muito importante do ponto de vista técnico, ao conversar com os jurados dos concursos de 2019 escutei uma crítica muito forte com relação a utilização do microfone:

Sobre a questão do marcador de quadrilha usar o microfone, eu acredito que seja uma coisa dúbia, ao mesmo tempo que pode ajudar, pode atrapalhar, esse ano de 2019 eu observei que a grande maioria dos marcadores não tinha o domínio do microfone, ou falava muito perto ou falava muito longe, quando eles falavam a respiração devido ao movimentos né, eles estavam ofegantes, aquela respiração saía no microfone, e era uma coisa muito incômoda, isso sem contar a dicção, porque eles gritavam no microfone e a dicção era praticamente nula [...] na hora de explicar o enredo muitas vezes gritavam. (Jurada 3, entrevista 7 de julho 2019).

A utilização do microfone no concurso da Fumbel é obrigatória e no Centur facultativa, ficando a critério do marcador a utilização ou não, mas como a disputa da Fumbel é vista como a mais importante por ser a mais antiga, os marcadores entendem que é melhor utilizar esse equipamento nos dois concursos. Não sei informar ao certo quais motivos ocasionaram a utilização dos microfones pelos marcadores nos regulamentos, o que posso afirmar é que,

segundo as pesquisas nos regulamentos da Fumbel, é que essa utilização passou a ser obrigatória a partir do ano de 2015.

Há uma interferência clara e direta sobre o fazer dos marcadores, como foi citado anteriormente, as justificativas dos jurados, os regulamentos dos concursos, fazem parte dessa interferência no fazer dos marcadores de quadrilhas juninas, pois eles irão modificar sua apresentação conforme esses fatores, se adequando as evoluções da quadra para conseguirem permanecer nela, é uma forma de manutenção da cultura, de readaptação a contemporaneidade.

Ao me aproximar do marcador da Reino de São João, Anderson do Rosário, ele me relatou que acha importante, e que os microfones são essenciais para que os jurados e o público presente possam compreender o que eles estão falando. O Anderson está há quinze anos atuando como marcador de quadrilhas e ao questioná-lo sobre o que é ser um marcador, ele relatou que:

Ah, o marcador ele é uma pessoa que, que ele tem a voz de comando do grupo, ele é responsável por cada movimento que o grupo faz, ele conduz na verdade o grupo através de gestos, ou até mesmo de gritos e ele é a pessoa que centraliza o grupo, ele começa a corrigir, se cair algo ele também tem esse papel, o papel dele é esse, ele não é penalizado se ele juntar algo, tipo caiu um chapéu, se ele juntar e colocar, o júri tem aquela visão que o marcador tá atento, tá ali mesmo acompanhando todo o movimento do grupo, entendeu? Então a função do marcador ele é esse, é conduzir o grupo, falar no tempo certo e passar pro júri e pro público o que o grupo tá trazendo, toda história do grupo, tudo tem um contexto e é através do marcador, da explicação dele que as pessoas começam a entender o que realmente a quadrilha vem mostrar. (ROSÁRIO, 2018).

Na fala do Anderson se percebe a necessidade de interação do marcador com os outros agentes da quadra, ele fala ainda que os microfones são importantes para que haja essa interação entre o marcador, os jurados, o público presente e o seu grupo. Compreendo que essa triangulação já se fazia existente em alguns marcadores, ela se faz necessária, mas como se pode observar nos regulamentos a utilização dos microfones é uma realidade na contemporaneidade, conduzindo os marcadores de quadrilhas juninas a uma profissionalização, no sentido de saber utilizar esse mecanismo.

Meus atravessamentos acompanhando a quadrilha Reino de São João foram muitos, desde o local onde os ensaios aconteciam até os momentos em que os acompanhei durante os concursos do sujo e o da Fumbel, uma emoção que corroboro com o Anderson quando fala que a quadrilha: “é uma paixão, é uma coisa inexplicável porque todo o ano a gente não quer mais, a gente quer parar mas não tem como assim, é algo que realmente é inexplicável, principalmente estreia, estreia de concurso de ensaio [...] são noite de sono, cansaço [...] o lucro mesmo é o prazer.” Esse afeto que o Anderson se refere é notadamente claro durante sua apresentação na quadra, como podemos ver na imagem a seguir:

Imagem 32 – Marcações de afeto na quadra.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A satisfação em dançar quadrilha supera todas as dificuldades, são meses ensaiando, os quadrilheiros precisam conciliar suas rotinas de trabalho, casa e família para participarem, venderem rifas para ajudar no custeio dos figurinos, pagarem os ônibus para o deslocamento dos concursos, isso tudo por alguns minutos no palco, em uma disputa com outras quadrilhas sem a certeza de vitória.

O terceiro marcador que acompanhei foi o Rai, durante o tempo em que atuei na Fundação Cultural do Pará, tive a oportunidade de ver diversos marcadores, e o Rai foi um dos que me chamou a atenção, por apresentar personagens com características cômicas, pela sua qualidade corporal, ele conseguia envolver o público durante sua apresentação, mesmo sem a utilização de microfones.

Ao ter contato com a Etnocenologia associei o seu ato cênico ao conceito de Espetacularidade (BIÃO, 2007), pois ele conseguia com uma maestria particular nos envolver, e esse foi um dos motivos pelo qual eu decidi acompanhá-lo. Segue uma imagem do Rai nos bastidores do concurso do Centur:

Imagem 33 – Marcador Rai.



Fonte: Arquivo Pessoal.

No ano de 2018 Rai estava marcando a quadrilha Roceiros da Barão, do Guamá, o local de ensaio dessa quadrilha é o mercado de São Brás, onde eles dividem espaço com mais dois outros grupos juninos. Ao chegar no ensaio observei que apenas o grupo ensaiava, o Rai estava no local, porém um pouco disperso do grupo. Após conversar com ele, o mesmo me informa que nem sempre participa dos ensaios e que o desenvolvimento do grupo não faz parte de sua preocupação.

O Rai já atua em quadrilhas desde 1996, iniciou como dançarino da quadrilha junina Encanto da Juventude e em virtude da ausência do marcador do grupo foi convidado para assumir esse lugar, tentou resistir, mas a insistência dos outros brincantes o convenceu. Durante o nosso primeiro encontro ele relatou que:

Numa brincadeira, que o marcador abandonou a quadrilha porre, eu tive que marcar no Augusto Meira, na doida, mas foi, eu dançava na Encanto da Juventude, e numa brincadeira, eu era marcador, mas não era de quadrilha grande, era dessas que eu falei com doze pares né, aí eu vim pra Encanto dancei três anos, aí como eu te falei, o marcador abandonou a quadrilha, peguei a quadrilha já de madrugada pra marcar, eu marquei na doida e no meio de cinquenta marcador eu empatei com o primeiro, aí eu não queria. Aí começaram: bora Rai, um bora. Aí: eu não, a gente tem marcador não quero, quero dançar. Foi que essa história foi até louca, que eu fui marcar na Fumbel peguei um seis logo no começo, aí eu digo não, eu não deitei aí eu comecei a trabalhar com eles e buscar essa pontuação que eu perdi, aí quando eu voltei pra Fumbel, graças a Deus que com esse seis foi que eu ainda fui pra final, aí o que

aconteceu, ensaiei de madrugada que eu digo não, não quero ficar com esse peso pra mim. Foi que eu fui pra final, peguei meu dez, fui melhor marcador de Belém, em 2002, a gente arrastamos tudo, marcador, miss, quadrilha, miss caipira, mulata, eu tenho até um jornal lá em casa guardado sobre isso, eu tenho um jornalzinho, eu tenho. (COSTA, 2018).

Ainda sobre essa entrevista perguntei para o Rai o que ele fez para subir do seis para o dez, quais foram as suas estratégias? O que mudou na sua apresentação para ganhar um dez dos jurados? Ele me respondeu que:

Isso foi no mesmo mês de São João, porque eu queria sair do pensamento de bale e dar mais motivação pra mim mesmo ser marcador da quadrilha, porque eu vi que eu tinha jeito, porque eu ficava só na sacanagem, aí não foi mais brincadeira, foi uma coisa séria entendeu? Foi que eu me impôs e fui ensaiando, ensaiando, ensaiando e graças a Deus, marquei a Encanto até 2005 (COSTA, 2018).

Quando Rai falou que buscou “*dar mais motivação pra mim [...] eu me impôs*”, relacionei ao impulso que Plá (2006), que descreve associando esse impulso como um dispositivo orgânico que leva o corpo para o espetacular, em seus escritos ele nos fala que: “[...] o processo que leva a Espetacularidade corporal implica na manifestação da vontade-impulso no tempo e no espaço”. Ocasionalmente na atração dos olhares para a sua ação, nesse caso, como marcador.

Pergunto ao Rai o que seria ser um bom marcador? Quais são as características que ele considera importante nesse fazer? Como ele marca as quadrilhas?

Sei lá pra mim é comandar um grupo brincando sem se preocupar com o grupo, como eu faço, eu faço, chega me arrepio quando eu falo, caramba, sério mesmo cara, eu gosto, eu amo sabe? Eu chamo o povo pra mim entendeu? As vezes o povo nem quer ver a quadrilha mas quer ver a minha performance, entendeu? [...] e eu não sei cara, eu digo que eu não amo nenhuma quadrilha cara, sou logo sincero, tá entendendo? Mas quando eu ponho a camisa, eu dou o que eu tenho que dar entendeu? Não tenho amor, porque eu falo logo, eu não sou falso, entendeu? Então quando eu começo a marcar eu ponho o sangue na camisa mesmo [...] pra mim marcar esse grupo eu tenho que marcar brincando, porque eu não vou me preocupar se eles errarem, eu não vou tá consertando eles de jeito nenhum que pega pro meu lado, aí perde a minha alegria, tu entendeu? Eu fico preocupado, então por isso que eu batalho com eles, e quando eu tô marcando eu falo com o público, abraço pessoas, beijo pessoas, aí os jurados tá vendo ali que o cara tá interagindo com o grupo, que não tá nem se preocupando é essa que é a onda. (COSTA, 2018).

O pensamento de Rai difere do fazer dos dois primeiros marcadores no que diz respeito ao afeto com o grupo que está marcando, Rai vê em seu fazer um ofício, um trabalho pelo qual é pago para fazê-lo, isso faz com que transite entre diversas quadrilhas, mas sem criar vínculo afetivo com o grupo, o que nos leva a refletir que a sua Espetacularidade está ligada ao amor que sente por ser marcador. Durante sua trajetória Rai passou por vários grupos juninos:

Marquei a Encanto até 2005, aí a Roceiros da Barão fez uma proposta pra mim, então como eles estavam de salto alto que eu não gosto disso, sou um cara humilde, de querer passar por cima de todo mundo, aí pra não fazer parte dessa família que tava assim aí eu sai da quadrilha e vim marcar a Roceiros da Barão em 2006 e 2007, em 2008 tive um contrato com a Buscapé, marquei a Buscapé, 2009 Hiper na Roça, 2010 Pai D'égua no Arraiá, 2011, 2012, 2013 Forró Sanfonado, 2014, 2015 voltei pra Roceiros da Barão, 2016 marquei a Renovação de São João, 2017 marquei os Tancredinho e 2018 de novo a Roceiros da Barão [...] eu vejo uma profissão, porque eu sou pago graças a Deus pra isso, entendeu? Eu criei um nome em Belém do Pará, todos conhecem o Rai, né? E onde eu chego eu sou carinhosamente tratado, as pessoas, que me veem, as vezes já chega, dá uma cadeira pra ele, é muito bom, aí quando aí, um bora dançar que o melhor marcador de Belém taí, isso é muito bom cara, mas eu sou um cara humilde, aí eles começam a dançar, égua aí é muito bom. (COSTA, 2018).

Questões como espiritualidade são bastantes discutidas e associadas a Espetacularidade na Etnocenologia, pois como podemos observar em alguns textos de estudiosos como Santa Brigida (2015) e Bião (2011), a Etnocenologia se debruça em sua origem no estudo da Skéne, palavra de origem grega que significa cena, do substantivo surge skeno – corpo, que para Pradier é o lugar onde habita a alma.

O que me leva a fazer outro questionamento a esse marcador com relação a sua preparação antes de entrar em cena e o mesmo falou que: “*só oro, sozinho, orando, pedindo proteção pra mim, pro meu grupo todo, quem não tem Deus na frente não é nada*”. Entendi que nesse momento de conexão com o seu sagrado, Rai utiliza sua espiritualidade para dar ao seu corpo uma dimensão espetacular.

No dia 23 de junho de 2018 no Concurso Estadual de Quadrilhas Juninas captei Rai se arrumando na lateral dos camarins, em um momento isolado, se preparando para entrar em cena, ao questioná-lo o porquê ele não usou o camarim para trocar de roupa, ele respondeu que prefere ficar sozinho aproveitando esse momento para se conectar com Deus através de suas orações. A imagem que segue foi registrada durante essa sua troca de roupa:

Imagem 34 – O corpo em busca de sua espetacularidade.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Tudo pronto para a sua apresentação no Centur, vejo Rai transitar por entre os brincantes, e muitos fazem questão de registrar esse momento com fotos. Rai se mostrava tenso antes de entrar em cena, ele também me fez várias reclamações da costureira, não estava muito satisfeito com o seu traje, o acompanhei até os momentos antes da quadrilha começar a dançar. Fiquei em um posicionamento estratégico para poder filmar toda a sua apresentação, Rai vem a frente do grupo com uma criança vestida com a roupa da quadrilha, como podemos observar na imagem a seguir:

Imagem 35 – Marcador Rai, apresente a sua quadrilha!



Fonte: Arquivo Pessoal.

O traje é um elemento essencial durante a apresentação, ele é um item a ser julgado, e o marcador também é avaliado por esse jurado, por isso a preocupação do Rai, e o inevitável aconteceu durante a sua apresentação. Como podemos observar na imagem anterior, Rai está com uma cartola, de luvas e com uma camisa fechada até as mangas, além da calça comprida, durante a sua movimentação ele retira a camisa vermelha e fica com uma roupa comum.

Rai sai de quadra bastante decepcionado e me fala que estava feliz com a apresentação, mas *“não tem como papar tudo né? queria ganhar, mas a minha roupa não deu certo”*. Durante essa apresentação no Centur não consegui ver o Rai que eu conheci, que me prendeu a atenção de maneira espetacular, o traje o limitou bastante, não o deixando inteiro durante a sua apresentação. Como citei no início desta seção, cada marcador é único no seu fazer, em outras entrevistas o Rai havia me dito que *“eu tenho que marcar brincando, porque eu não vou me preocupar se eles errarem, eu não vou tá consertando eles de jeito nenhum que pega pro meu lado, aí perde a minha alegria, tu entendeu? Eu fico preocupado”*.

Podemos perceber o quanto a preocupação com o traje fez com ele perdesse a alegria, a qualidade que em outrora havia me chamado tanto a atenção. Não podemos afirmar aqui que sua Espetacularidade se esvaiu, ou que esse marcador não possui Espetacularidade, como um

pesquisador etnocenológico preciso colocar o meu ponto de observação em evidência, seguindo o pensamento de Dumas, que ao citar Bião, salienta que:

[...] autor coloca em evidência o olhar do pesquisador sobre o objeto como viabilizador de uma interpretação do que seja ou não espetacular. É no grupo dos adverbiais que estão “os fenômenos da rotina social que podem se constituir em eventos, consideráveis, a depender do ponto de vista de um espectador, como espetaculares, a partir de uma espécie de atitude de estranhamento, que os tornaria extraordinários” (BIÃO, 2007, p. 28 apud DUMAS, 2010, p. 3).

As vezes em que observei o Rai em suas apresentações, sempre identifiquei uma qualidade corporal diferenciada, capaz de atrair e fixar os olhares dos espectadores, e confesso que essa sua última apresentação me causou um certo desânimo, me questionei durante vários dias sobre o que teria acontecido. Percebo que devemos tratar a Espetacularidade como uma qualidade corporal que pode estar presente em uma apresentação e que em outro momento ela pode simplesmente não existir e vice-versa.

No concurso seguinte o marcador já havia modificado o seu traje, Rai gosta sempre de trazer surpresas em suas apresentações. Na imagem que segue podemos observar que o marcador já se apresentou com o traje modificado, consequências da má funcionalidade do antigo:

Imagem 36 – Rai com seu traje novo.



Fonte: Acervo Pessoal.

Como pesquisador etnocenológico preciso ter a alteridade como ponto de partida, compreender suas falas e a maneira como direcionam o seu fazer, sem colocar interferências

etnocêntricas. Espetacularidade não se quantifica, os três marcadores investigados me mostraram em vários momentos seus corpos em estado alterado de maneira espetacular. Durante os ensaios, nos bastidores, nos palcos dos concursos e em seus processos criativos.

ATENÇÃO SENHOR MARCADOR, RESTAM CINCO MINUTOS...

Meu pai São João Batista é Xangô, é o dono do meu destino até o fim, se um dia me faltar a fé a meu senhor, derruba essa pedreira sobre mim.

O encerramento deste trabalho me fez mergulhar em toda minha trajetória no Programa de Pós-Graduação em Artes pela UFPA, as vivências e os compartilhamentos tiveram um significado muito grande para mim, foi uma verdadeira rede de afetos, próximos aos vividos por mim dentro da quadra junina no decorrer de toda a minha vida até este momento.

A pesquisa nessa manifestação junina só pode se dar, por causa de todo o meu envolvimento com esse folguedo, a rasgação é real, latente em meu corpo até os dias atuais, sem haver uma possibilidade de ser expurgada dele. Como pesquisador etnocenológico não haveria outra manifestação que pudesse discorrer com tanto amor, com tanta veracidade, o meu olhar de dentro possibilitou esse entrelaçamento tão importante.

Minhas motivações para essa pesquisa se deram no primeiro momento em que entrei em contato com a disciplina de Etnocenologia, ministrada pelo professor doutor Miguel Santa Brigida no curso de Licenciatura em Teatro o qual me graduei. O amor pela quadrilha, o se sentir quadrilheiro veio antes, muito antes do ingresso no curso de graduação, e a necessidade de contribuir de alguma forma para o movimento junino também, mas o start só foi disparado ao entrar em contato com os conceitos etnocenológicos nas pesquisas discutidas na referida disciplina, o se colocar na escrita, discorrer sobre o meu olhar nas quadrilhas juninas é espetacular.

Fazer o caminho que as minhas lembranças me permitiram alcançar, escavando algumas cicatrizes que eu nem lembrava que tinha, foi libertador. Reencontrar toda a espiritualidade vivenciada por mim na infância, hoje fazem todo o sentido, pois com os acontecimentos que me ocorreram alheios ao curso, como o desencarne de minha mãe e a traumática separação, também me lançaram de encontro a espiritualidade, por mim deixada de lado durante os anos que antecederam o ingresso no curso de pós-graduação, e que hoje me permitem olhar para elas sem dor, com uma compreensão de fechamentos de ciclos, assim como fecho este ciclo do mestrado.

Os afetos vivenciados por mim, na quadrilha Esperança Junina, traçaram o meu caminho para dentro dos folguedos juninos de maneira tão visceral que ao iniciar o meu trabalho na Fundação Cultural do Pará me deparo novamente com essa manifestação, vivenciando não apenas uma quadrilha, mas centenas delas, e como sempre acreditei que tudo o que lançamos

ao universo recebemos de volta, percebo hoje que o amor que dediquei a todos aqueles grupo que se apresentaram, retornou a mim em forma de convites para ser jurado desses concursos, me possibilitando conhecer a cidade de Soure, tão desejada por mim quando criança, e o maior de todos os presentes que foi o curso de pós-graduação, por mim também muito desejado.

O momento em que me lancei na quadra junina, pesquisando durante os meses de abril, maio e junho de 2018 e os concursos no ano de 2019, acompanhando esses três marcadores nos concursos do sujo e os oficiais, participando dos ensaios, sendo atravessado novamente por essa manifestação, me percebi diversas vezes até mesmo esquecendo que estava em trabalho de campo, de tão mágicas que essas vivências foram, a minha escrita nada mais foi que a reverberação por meio da reflexão desses atravessamentos em meu corpo alterado. Esses atravessamentos só foram alcançados em virtude de estar por inteiro durante todo o processo, assentando o meu olhar, os meus ouvidos, todos os meus sentidos com um viés etnocenológico nessa manifestação, para compreender a Espetacularidade presente nos marcadores.

Nesses atravessamentos consegui ver o Edson Neves nos fundamentando a sua Espetacularidade no amor que ele possui pela quadrilha Rosa Vermelha como um todo, chegando a se considerar “*meia quadrilha*”. Enquanto que o Anderson do Rosário vem trazendo esse corpo espetacular carregado de amor e satisfação de dançar quadrilha, passando por várias dificuldades para estar participando da Reino de São João. E no marcador Rai em sua individualidade e a necessidade de não estar preocupado com os elementos externos ao seu fazer para que esses fatores não comprometam a sua apresentação.

O corpo é o lugar onde habita a alma, e a quadrilha o lugar onde habita o marcador, um não pode existir sem o outro, nem o corpo sem a alma, nem a quadrilha sem o marcador.

Enquanto a mim, continuarei vivenciando esse folguedo, embalado por fagulhas pontas e agulhas, brilhando estrelas de Santo Antônio, São Pedro e São João, pulando fogueiras, tomando banhos de cheiro e me rasgando de tanto dançar quadrilha junina.

A quadrilha que habita em mim, hoje saúda a quadrilha que habita em você.

Fim.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que "não é sério"**. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BARBA, Eugênio. **Canoa de papel**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator: dicionário de antropologia teatral**. São Paulo: Hucitec – editora da Unicamp, 1995.
- BARROSO, Hayeska Costa. **“Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar...”**: um ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas no Ceará. Dissertação (Mestrado Acadêmico de Políticas Públicas e Sociedade) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- BIÃO, Armindo. A Presença do Corpo em Cena nos Estudos da Performance e na Etnocenologia. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, jul./dez.
- BIÃO, Armindo. Um léxico para a Etnocenologia: Proposta Preliminar. *In*: BIÃO, Armindo (org.). **Anais do V Colóquio Internacional de Etnocenologia**. Salvador: Fast Design, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. Campinas: SP: Mercado das Letras, 2002.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas – Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1982.
- CASTRO, Thiago Silva de. A quadrilha junina em contexto de profissionalização: um estudo sobre a cultura quadrilheira em Sobral/CE. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30., 2016, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ABA, 2016.
- CHIANCA, Luciana de Oliveira. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e cultura**, Goiânia, UFG, v. 10, n. 1, p. 45-59, jan./jun. 2007.
- COSTA, Raimundo. **Entrevista**. Entrevistador: Romulo Estevam. 2018. Belém. Áudio MP3.
- DUMAS, Alexandra Gouvêa. Etnocenologia e comportamentos espetaculares: desejo, necessidade e vontade. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, VI. **Anais [...]**. 2010.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.
- HISTÓRIA DO Arquipélago de Marajó. Disponível em: <https://hotelmarajosoure.com.br/historia-do-arquipelago-de-marajo>. Acesso em: 04 dez. 2018.
- LEAL, Eleonora Ferreira. Contando o Tempo: A Quadrilha moderna nos anos 80. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v. 3, n. 5, Jan-Jul 2011, p. 51-64.

LEAL, Eleonora Ferreira. **Contando o tempo:** transformação, coreografia e modernidade no espetáculo da quadrilha junina em Belém do Pará. 2004. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

LEÃO, Jorge. **Entrevista.** Entrevistador: Romulo Estevam. 2018. Belém. Áudio MP3.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A Conversão Semiótica na Arte e na Cultura.** Belém: Ed. Universitária UFPA, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica:** uma diversidade diversa. 2005. [Texto de Conferência].

MAFFESOLI, Michel. **Matrimonium:** petit traité d'ésocosophie. Paris: CNRS, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1998.

MENEZES NETO, Hugo. Música e Festa na Perspectiva das Quadrilhas Juninas de Recife. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, Ano 19, 26 (1):103-133, 2015.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e tradições populares no Brasil.** Brasília: Senado Federal, 2002.

NEVES, Edson. **Entrevista.** Entrevistador: Romulo Estevam. 2018. Belém. Áudio MP3.

OLIVEIRA, Tetê. **Entrevista.** Entrevistador: Romulo Estevam. 2019. Belém. Áudio MP3.

PALHETA, Claudia Suely dos Anjos. Etnocenologia, uma proposta método-gráfica-caleisdoscópica. **Repertório**, Salvador, n. 26, p. 102-109, 2016.1.

PARÁ. Fundação Cultural do Pará. **Regulamento do Concurso de Quadrilhas.** Belém: FCP, 2018.

PAVALOVA, Jose. **Entrevista.** Entrevistador: Romulo Estevam. 2018. Belém. Áudio MP3.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa:** gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: UCG; Kelps, 2005.

PLÁ, Daniel Reis. **Impulso e Manifestação:** Relações entre o corpo espetacular do ator e o do praticante do rito de Tara. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PULANDO A fogueira na festa de São João. Disponível em: http://br.geoview.info/pulando_a_fogueira_na_festa_de_sao_joao,6952884p. Acesso em: 04 dez. 2018.

RANGEL, Sonia. **O olho desarmado.** Salvador: Solisluna, 2009.

ROSÁRIO, Anderson do. **Entrevista**. Entrevistador: Romulo Estevam. 2018. Belém. Áudio MP3.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes de Criação**. São Paulo: Ed. Horizonte, 2008.

SANTA BRIGIDA, Miguel. A Etnocenologia como desígnio de um novo caminho para a pesquisa acadêmica – ampliação do modo e do lugar de olhar a cena contemporânea. *In*: BIÃO, Armindo (org.). **Anais do V Colóquio Internacional de Etnocenologia**. Salvador: Fast Design, 2007. p. 199-203.

SANTA BRIGIDA, Miguel. A Etnocenologia na Amazônia: Trajetos-Projetos-Objetos-Afetos. **Repertório**, Salvador, n. 25, p. 13-23, 2015.

SANTA BRIGIDA, Miguel. O Sagrado Sorrizo de Selmyinha: A Dança do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira na Cena Afro-Carioca. **Repertório**, Salvador, n. 19, p. 18-25, 2012.2.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”. *In*: **Performance studies**: an introduction, second edition. New York & London: Routledge, 2006. p. 28-51.

SILVA, Filipe Dias dos Santos. A adverbialização das categorias de análise da espetacularidade apontada nos estudos de Armindo Bião. **Repertório**, Salvador, n. 26, p. 95-101, 2016.1.

WARBURTON, Edward C. Ressonância na Dança: A arte de mesclar corpos. **ARJ**, v. 3, n. 2, p. 1-26, jul./dez. 2016.